



ACADEMIA MILITAR

**Implicações da Introdução do Sniper Convencional nos Batalhões de
Infantaria do Exército Português**

Autor: Aspirante Aluno de Infantaria Hugo Miguel de Jesus Marques

Orientador: Professora Doutora Daniela Cristina dos Anjos Penela Luís

Coorientador: Major de Infantaria Pedro Cristiano de Jesus Miranda

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de
Infantaria**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023



ACADEMIA MILITAR

**Implicações da Introdução do Sniper Convencional nos Batalhões de
Infantaria do Exército Português**

Autor: Aspirante Aluno de Infantaria Hugo Miguel de Jesus Marques

Orientador: Professora Doutora Daniela Cristina dos Anjos Penela Luís

Coorientador: Major de Infantaria Pedro Cristiano de Jesus Miranda

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de
Infantaria**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023

EPÍGRAFE

“The thing that haunts me the most are all the guys I couldn’t save.”

Chris Kyle

DEDICATÓRIA

À minha família,
Pela educação que me deu,
Pelos valores que me transmitiram,
Por todos os sacrifícios que fizeram e
Pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho de investigação apresenta-se como o último obstáculo de um percurso árduo de cinco anos. Trabalho este, que reflete, uma das características mais importantes que esta nobre casa incute, o espírito de missão. Embora com muita dedicação e espírito de sacrifício, a elaboração desta investigação não seria possível sem o apoio que foi prestado, como tal, esta página é dedicada a todos aqueles que me apoiaram.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora Professora Doutora Daniela Cristina dos Anjos Penela Luís, por todos os conhecimentos transmitidos, pela dedicação e empenho, pela disponibilidade e por todo o apoio fornecido na realização deste trabalho.

Ao meu coorientador Major Pedro Cristiano de Jesus Miranda por me ter ajudado a encontrar o caminho certo, pela orientação e ensinamentos transmitidos.

À Tenente-Coronel Helga Lopes que desde o início me apoiou e ajudou mostrando sempre total disponibilidade.

Ao Diretor de Curso de Infantaria, Capitão Pedro Meneses, que me tentou proporcionar as melhores condições para a realização do trabalho.

Ao Capitão Hugo Gouveia, por me ter mostrado uma visão diferente quando assim foi necessário e por todo o apoio e conhecimentos transmitidos.

Ao Comandante do Centro de Tropas de Operações Especiais, Coronel Sousa Rodrigues por me ter aberto as portas desta unidade de excelência e por me ter proporcionado as melhores condições de trabalho.

A todos os Oficiais, Sargentos e Praças, portugueses e espanhóis, que participaram nesta investigação, pela disponibilidade e espírito de camaradagem que demonstraram.

Aos camaradas do Curso General Pedro Francisco Massano de Amorim, especialmente do curso de Infantaria, expresso a minha gratidão pois nos momentos mais difíceis se mantiveram ao meu lado.

À minha família por todo o apoio dado, por todos os sacrifícios realizados e pelo conforto nos momentos mais difíceis.

Por fim, o meu especial agradecimento à pessoa que tornou este trabalho possível, ao Capitão Gonçalo Pereira, homem e militar de referência, que me acompanhou em toda a elaboração da investigação, que sempre se mostrou disponível a ajudar, independentemente

do dia e da hora, pelo profissionalismo, por todos os ensinamentos e conhecimentos que me transmitiu, pelo espírito de camaradagem, espírito de missão, espírito de sacrifício e principalmente pelos valores transmitidos que levarei comigo para vida.

A todos vós o meu eterno agradecimento.

RESUMO

O ambiente operacional atual desvaloriza os conflitos de grande escala convencionais. Em vez disso, o atual ambiente operacional exige confrontos cada vez mais assimétricos e imprevisíveis no meio de uma população vulnerável a uma ameaça sem identidade clara, tornando necessário preservar a segurança da população enquanto se previnem danos colaterais. Assim, surge como uma possível solução a utilização da capacidade sniper, nomeadamente o sniper convencional. Este é um militar especialmente treinado e equipado capaz de efetuar fogos de precisão até às longas distâncias e ainda tem a capacidade de atuar de forma isolada no campo de batalha.

Esta investigação teve como objetivo analisar as implicações da introdução do sniper convencional nos batalhões de infantaria do Exército Português, nomeadamente no que concerne ao emprego operacional, formação requerida e treino operacional. Deste modo, a realização desta investigação incidiu numa revisão detalhada da literatura bem como a realização de inquéritos por entrevista a militares dos batalhões de infantaria com funções relevantes, a militares sniper de operações especiais do Exército Português e a militares sniper do Exército Espanhol, cuja capacidade, sniper convencional, está implementada nos batalhões de infantaria.

Para se integrar o sniper convencional nos batalhões de infantaria, é necessário a sua implementação através da formação nas áreas de técnicas avançadas de tiro de precisão, técnica individual de combate, planeamento, equipamento e armamento. Posteriormente o militar deve cumprir regularmente com um treino composto por exercícios de tiro de precisão, camuflagem e ocultação, construção de posições de tiro, observação, perseguição e avaliação de distâncias, para que mantenha as suas capacidades ao nível pretendido, a fim de potenciar as capacidades dos batalhões ao executar missões através da execução de tiro preciso de longo alcance, de reconhecimento e vigilância e através da flexibilidade e mobilidade que o caracterizam. Futuras investigações deverão abordar outras implicações como a organização da força e a análise do equipamento, armamento e viaturas necessárias para equipar esta valência.

Palavras-chave: Sniper Convencional; Batalhão de Infantaria; Emprego Operacional; Formação; Treino Operacional

ABSTRACT

The current operational environment devalues conventional large-scale conflicts. Instead, the current operational environment demands increasingly asymmetric and unpredictable confrontations in the middle of a population vulnerable to an unclear identity threat, making it necessary to preserve the population's security while preventing collateral damage. Due to the statement mentioned before, the use of sniper capability, specifically conventional snipers, emerges as a possible solution. This is a specially trained and equipped soldier who can carry out precision fire over long distances and has the ability to act alone on the battlefield.

This research aimed to analyze the implications of introducing conventional snipers into the infantry battalions of the Portuguese Army, particularly regarding to the operational employment, required training, and operational training. Therefore, this investigation focused on a detailed literature review as well as conducting interviews with relevant military personnel from infantry battalions, special operations snipers from the Portuguese Army, and snipers from the Spanish Army, whose conventional sniper capability is implemented in infantry battalions.

To integrate conventional snipers into infantry battalions, their implementation requires training in advanced precision shooting techniques, individual combat techniques, planning, equipment, and weaponry. Subsequently, the soldier must regularly undergo thru training consisting in precision shooting exercises, camouflage and concealment, construction of firing positions, observation, pursuit, and distance evaluation to maintain their skills and capabilities on a desired level. This aims to enhance the battalion's capabilities by executing long-range precision shooting, reconnaissance and surveillance, and utilizing the flexibility and mobility that characterize snipers. Future research should address other implications, such as force organization and the analysis of equipment, weaponry, and vehicles necessary to equip this capability.

Keywords: Conventional Sniper; Infantry Battalion; Operational Employment; Training; Operational Training

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
ÍNDICE GERAL	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	ix
ÍNDICE DE QUADROS.....	x
ÍNDICE DE TABELAS	xi
LISTA DE APÊNDICES	xii
LISTA DE ANEXOS.....	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xiv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1. Ambiente Operacional	4
1.2. Batalhão de Infantaria	5
1.2.1. Atirador Especial	7
1.3. Sniper de Operações Especiais.....	9
1.3.1. Emprego Operacional	10
1.3.2. Formação	12
1.3.3. Treino Operacional	17
1.4. Sniper Convencional.....	20
1.4.1. Emprego Operacional	20
1.4.2. Formação	22

1.4.3. Treino Operacional	23
1.5. Análise Comparativa.....	23
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	25
2.1. Definição dos Objetivos da Investigação.....	25
2.2. Definição da Pergunta de Partida e Perguntas Derivadas	26
2.3. Técnicas de Recolha de Dados	26
2.3.1. Análise Documental.....	27
2.3.2. Entrevistas	27
2.4. Processo de Amostragem	28
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS.....	30
3.1. Apresentação de Resultados.....	30
3.1.1. Emprego Operacional	30
3.1.2. Formação	34
3.1.3. Treino Operacional	36
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS	39
4.1. Emprego Operacional	39
4.2. Formação.....	40
4.3. Treino Operacional	40
CONCLUSÕES	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
APÊNDICES	i
ANEXOS.....	xxvi

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – Quadro Orgânico da FOE.....	12
Figura n.º 2 – Importância das missões que os SConv podem desempenhar em apoio aos BI, descritas nos QO dos BI	31
Figura n.º 3 – Importância das vantagens do emprego do SConv em apoio aos BI.....	32
Figura n.º 4 – Opinião sobre a integração do SConv nos BI ser uma mais valia	34
Figura n.º 5 – Importância das áreas que constituem a formação do SConv	35
Figura n.º 6 – Importância dos exercícios necessários para a manutenção da capacidade do SConv	36
Figura n.º 7 – Frequência da realização dos exercícios contemplados no treino operacional do SConv	37

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Objetivos Específicos	25
Quadro n.º 2 – Pergunta de Partida e Perguntas Derivadas.....	26
Quadro n.º 3 – Amostra Seleccionada	28
Quadro n.º 4 – Excertos das Respostas	xviii

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.º 1 – Síntese Comparativa entre SOEsp e SConv.....	23
Tabela n.º 2 – Modelo de análise da investigação	i
Tabela n.º 3 – Enquadramento do Inquérito por Entrevista nas Problemáticas da Investigação.....	ii

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Análise da Investigação	i
APÊNDICE B – Quadro enquadrante do inquérito por entrevista nas problemáticas da investigação	ii
APÊNDICE C – Guião de Entrevista	v
APÊNDICE D – Excertos das Respostas	xviii

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Organigrama do 1BIMecRodas (Vila Real).....	xxvi
ANEXO B – Possibilidades do 1BIMecRodas (Vila Real)	xxvii

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AM – Academia Militar

AP – Atirador de Precisão

APA – Associação Americana de Psicologia

BI – Batalhão de Infantaria

BIMecRodas – Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas

BrigInt – Brigada de Intervenção

C2 – Comando e Controlo

C4I – Comando, Controlo, Comunicações, Computadores e Informações

CAC – Companhia de Apoio de Combate

CAt – Companhia de Atiradores

CB – Campo de Batalha

CCA – Companhia de Comando e Apoio

CCS – Companhia de Comando e Serviços

CFT – Comando das Forças Terrestres

CTOE – Centro de Tropas de Operações Especiais

EME – Estado Maior do Exército

FConv – Força Convencional

FOE – Força de Operações Especiais

GPS – Global Positioning System

HQDA – Headquarters Department of the United States Army

ISTAR – Intelligence Surveillance Targeting Acquisition Reconnaissance

NEP – Normas de Execução Permanente

OE – Objetivo Específico

OG – Objetivo Geral

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PD – Pergunta Derivada

PP – Pergunta de Partida

QO – Quadro Orgânico

SConv – Sniper Convencional

SOEsp – Sniper de **O**perações **E**speciais
TIA – Trabalho de **I**vestigação **A**plicada

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) está subordinado ao tema “Implicações da introdução do Sniper Convencional nos Batalhões de Infantaria do Exército Português” e tem como finalidade analisar as implicações da introdução da capacidade sniper nos batalhões de infantaria (BI) do Exército Português. Este tema insere-se no domínio do ciclo de estudos da Academia Militar (AM), nomeadamente no que refere ao grau mestre do curso de ciências militares na especialidade de Infantaria e está estruturalmente de acordo com as Normas de Execução Permanente (NEP) 522/1.^a da AM.

Em exércitos de referência como o Exército dos Estados Unidos da América, cuja doutrina é aplicada por inúmeros países, não só pela dimensão e recursos que possui, mas também pela vasta experiência adquirida em combate, os snipers convencionais (SConv) são integrados nas forças convencionais, provando ser uma mais-valia e demonstrando que o seu papel é fundamental e decisivo nos mais variados tipos de missões. Também o Exército Espanhol utiliza a capacidade SConv, para apoiar a manobra dos BI.

Atualmente no Exército Português “quem disponibiliza a capacidade sniper para integrar as Forças Convencionais são as Forças de Operações Especiais” (Batista, 2012, p. 49). Este facto, remete-nos para a lacuna existente nos BI que não possuem esta capacidade. O SConv, segundo Miranda (2009, p. 16), “desempenha missões do âmbito convencional onde emprega fogo preciso em alvos selecionados a grandes distâncias e recolhe informações sobre a atividade do inimigo” e “pode também ser empregue em operações que incluem patrulhas, emboscadas, operações anti sniper, vigilância e reconhecimento e operações militares em áreas urbanizadas”, sendo que todos estes tipos de missões estão contemplados nos quadros orgânicos (QO) dos BI. Ora, o sniper de operações especiais (SOEsp) também está habilitado para todo o tipo de missões acima referidas, contudo, existe uma grande diferença entre o SOEsp e o SConv, pois este “é um elemento que apoia a manobra da sua unidade, e que apesar de ter treino individual que lhe permite efetuar missões isoladas do grosso da força, (...) nunca sai do raio de ação da unidade em que está inserido” (Lopes, 2012, citado por Freitas, 2017, pp. 28 e 29). Como tal, e após uma primeira análise da temática, é possível verificar que a integração dos SConv nos BI poderia representar uma

melhoria nas capacidades dos BI, permitindo uma maior autonomia e eficácia no cumprimento da missão.

Assim sendo, o tema deste trabalho de investigação tem um elevado grau de pertinência uma vez que poderá contribuir para melhorar as capacidades dos BI do Exército Português.

Face à descrição e justificação acima descritas, o objetivo geral desta investigação é analisar as implicações da introdução do SConv nos BI do Exército Português, nomeadamente nos BI da Brigada de Intervenção (BrigInt) ao quais foi limitado esta investigação, através da análise da execução (emprego operacional), implementação (formação) e manutenção (treino operacional).

Por forma a atingir este objetivo, surge a necessidade de se alcançar os seguintes objetivos específicos (OE):

OE1: Analisar o emprego tático do sniper convencional nas missões dos batalhões de infantaria;

OE2: Identificar as necessidades de formação requeridas a um sniper convencional;

OE3: Identificar as necessidades de treino requeridas a um sniper convencional;

Formulados os OE, surge como fio condutor deste trabalho de investigação a seguinte pergunta de partida (PP): **“Quais as implicações da introdução do Sniper Convencional nos Batalhões de Infantaria do Exército Português?”**.

Por forma a responder a esta questão central, surgem apoiadas nos objetivos específicos, as seguintes perguntas derivadas (PD):

PD1: Qual o emprego tático do sniper convencional nas missões dos batalhões de infantaria?

PD2: Quais são as necessidades de formação requeridas a um sniper convencional?

PD3: Quais são as necessidades de treino requeridas a um sniper convencional?

Relativamente à estrutura do presente trabalho, este é composto por 4 capítulos. No capítulo 1 é apresentada a revisão de literatura relativamente aos conceitos, do atual ambiente operacional, dos BI da BrigInt sendo apresentada a missão, possibilidades, limitações e o que está previsto em QO ao nível de atiradores de precisão (AP). De seguida são apresentadas duas capacidades sniper, nomeadamente SOEsp e SConv, relativamente ao emprego operacional, formação e treino operacional, respetivamente. No capítulo 2 é abordado o processo metodológico adotado neste trabalho de investigação, onde são

apresentados os objetivos da investigação, a PP e as PD, as técnicas de recolha de dados e o processo de amostragem. No capítulo 3, são apresentados os resultados dos inquéritos por entrevista que foram realizados no âmbito desta investigação, divididos em três níveis, emprego operacional, formação e treino operacional. No capítulo 4 é realizada a discussão de resultados, onde é apresentada a relação dos dados obtidos dos inquéritos por entrevista com os dados obtidos na revisão da literatura. Concluindo a parte textual, são apresentadas as conclusões desta investigação, contendo também as limitações, propostas e contribuições deste trabalho, seguindo-se posteriormente as referências bibliográficas. Por fim, são ainda apresentados apêndices e anexos relevantes, inseridos na parte pós-textual.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Ambiente Operacional

O ambiente operacional atualmente é caracterizado, de acordo com o Estado-Maior do Exército (EME) (2012b, p. 1-1), na PDE 3-00, “por um conjunto de condições, circunstâncias e fatores influenciadores que afetam o emprego de forças militares e influenciam as decisões do comandante” e carece da necessidade de compreensão “do ambiente físico, da governação, da tecnologia, dos recursos locais e da cultura da população” (EME, 2012b, p. 1-1) na PDE 3-00. Existe um variado número de fatores que se relacionam diretamente com o constante aumento de instabilidade em várias regiões e que por sua vez, podem resultar em novas conflitualidades. Segundo Moreira (2008, p. 14), “esses fatores são: Globalização, Tecnologia, Mudanças Demográficas; Urbanização; Escassez de Recursos; Alterações Climáticas e desastres Naturais; Proliferação de armas de destruição maciça”. Dos fatores anteriormente mencionados destacam-se de maior relevância para este tema a globalização, a constante evolução tecnológica e a crescente urbanização.

Embora o fenómeno globalização se relacione positivamente à prosperidade de grande parte dos países, por outro lado é associada ao aumento dos riscos e ameaças que surgem por todo o mundo. Enquanto os estados mais desenvolvidos beneficiam com os aspetos positivos decorrentes da globalização, os estados menos desenvolvidos assistem ao declínio das suas economias. Esta disparidade leva, não só, a que as populações das nações menos desenvolvidas vivam em condições de pobreza extrema, encontrando-se mais vulneráveis ao recrutamento de grupos terroristas, como também, gera tensão entre países que pode resultar em conflitos, tal como é referido em EME (2012b, pp. 1-1 e 1-2) na PDE 3-00.

O desenvolvimento tecnológico por sua vez, levou ao aparecimento de produtos tecnológicos de baixo custo que podem influenciar decisivamente qualquer tipo de operação e estão ao alcance tanto, de países instáveis, como de organizações terroristas (Ramalho, 2007).

No que concerne à urbanização, segundo EME (2012b) na PDE 3-00 este fator tem vindo a afirmar-se cada vez mais não só pela migração das pessoas das zonas rurais para as zonas urbanas como também pelo crescimento da demografia que se tem verificado nos últimos anos. Também o EME (2012b, p. 1-3) na PDE 3-00 refere que “num futuro próximo, estima-se que mais de metade da população mundial viverá em cidades, fazendo com que, pela primeira vez na história da humanidade, a população seja predominantemente urbana”.

Este constante crescimento das áreas urbanas segundo United States Army (USArmy) (2009), através do FM 3-24.2, é um indicador de que os futuros conflitos sejam combatidos no meio urbano. Como tal, de acordo com Moreira (2008, p. 12), o meio urbano possui características particulares. Características estas que são utilizadas de forma vantajosa por parte do potencial inimigo. Também Moreira (2008, p. 12), refere que, “Neste tipo de operações a ameaça pode confundir-se com a população, o que dificulta a sua identificação e obriga a ter meios no auxílio para a sua identificação e posterior eliminação sem causar danos colaterais”.

Sendo assim, é necessário adotar modalidades, utilizar novos meios e empregar determinadas capacidades para fazer face às ameaças que advêm das diversas características do atual ambiente operacional que segundo Miranda (2009, p. 7) “não só influencia o emprego de uma força, como também a estrutura do comando, composição e organização da força”.

1.2. Batalhão de Infantaria

Uma vez introduzido o conceito do atual ambiente operacional e algumas das suas implicações, seguimos então para a análise dos BI. Tendo em conta os variados tipos de BI existentes e por forma a delimitar esta investigação iremos apenas utilizar como base a orgânica¹ do 1º BI da BrigInt, mais precisamente o 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (1BIMecRodas), sediado na cidade de Vila Real.

O 1BIMecRodas tem como missão, segundo EME (2012a, p. 1-4) através do PDE 3-52-05, preparar-se para “executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza” e é constituído segundo a mesma fonte por uma Companhia de Comando e Serviços (CCS), três Companhias de Atiradores (CAAt) e uma Companhia de Apoio de Combate (CAC).

Para Magalhães (2012), o BI da BrigInt é um sistema de manobra que combina o poder de fogo e o movimento para alcançar uma posição de vantagem sobre o adversário, cumprindo assim a missão atribuída.

Segundo o EME (2020a), através do QO do 1ºBIMecRodas, o BI possui inúmeras possibilidades que pela sua vasta extensão foram inseridas no Anexo B². Contudo é relevante

¹ Anexo A - Organigrama do 1º Batalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção.

² Anexo B - Possibilidades do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (EME, 2020).

menção que o BI possui como uma das suas possibilidades, de acordo com EME (2020a) no respetivo QO do 1ºBIMecRodas, a integração de equipas de SOEsp na sua constituição, que são atribuídas diretamente pelo Comando das Forças Terrestres (CFT), com a intenção de executar missões no âmbito de SConv. Ainda de acordo com EME (2020a), através do QO do 1ºBIMecRodas estas missões podem ser, “patrulhas de combate; emboscadas; contra sniper; observação avançada; Operações militares em áreas urbanizadas e integrar forças em contacto ou em reserva nas Operações Retrógradas”.

O QO do 1ºBIMecRodas da BrigInt, apresenta como limitações do BI, a “sobrevivência face a ameaça blindada; grande consumo das classes III³, V⁴ e IX⁵; reduzida capacidade Comando e Controlo (C2) quando desmontado; projeção estratégica da força limitada pelo equipamento pesado” (EME, 2020a, p. 6).

Como é demonstrado na PDE 3-52-05, pelo EME (2012a), os BI não integram na sua orgânica, elementos sniper. Tal como referido anteriormente, os BI apenas integram as equipas sniper, quando atribuídas pelo CFT, através da Força de Operações Especiais (FOE), para desenvolverem missões de SConv. Ainda assim, o emprego da capacidade sniper está previsto em vários tipos de operações militares.

No tipo de operações referentes às áreas edificadas descritas na PDE 3-07-14, pelo EME (2011a), está previsto o emprego de equipas sniper nas operações defensivas, com a particularidade de poderem operar de forma isolada, não se constituindo como elemento da força. Para tal, devem selecionar uma posição que lhes permita ter uma boa observação e campos de tiro, como o topo dos edifícios. Podendo atuar de forma isolada, o sniper evita a exposição à ameaça, contudo consegue manter-se a uma distância que lhe permite atuar com eficácia, protegendo o restante da força. Como tal, a utilização desta capacidade no ambiente urbano demonstra ser uma vantagem tanto para quem ataca como para quem defende.

Também na PDE 3-65-00, pelo EME (2011b) referente às operações de apoio à paz, está previsto o emprego da capacidade sniper com o objetivo de aumentar o controlo em

³ Classe III – “Combustíveis, óleos e lubrificantes: combustíveis derivados do petróleo, lubrificantes, óleos hidráulicos e isolantes, preservantes, gases líquidos e comprimidos, produtos químicos a granel, produtos anticongelantes e de refrigeração, e carvão” (EME, 2013b, p. 6-4).

⁴ Classe V – “Munições de todos os tipos (incluindo armas químicas, bacteriológicas e especiais), bombas, explosivos, minas, espoletas, detonadores, artifícios pirotécnicos, mísseis, foguetes, compostos propulsores e outros artigos afins” (EME, 2013b, p. 6-4).

⁵ Classe IX – “Todos os sobressalentes e componentes necessários à manutenção dos equipamentos, incluindo coleções para reparação, conjuntos e subconjuntos (exceto os específicos do material sanitário)” (EME, 2013b, p. 6-5).

ambiente urbano, melhorando a proteção da força na qual está integrada contra possíveis ataques provenientes do adversário. Está também previsto a utilização de atiradores sniper como medida contra sniper e vigilância, aumentando a flexibilidade do comandante na tomada de decisão.

Relativamente às operações de controlo de tumultos, está descrito pelo EME (2013a), através da PDE 3-68-00, que as equipas sniper são a principal e melhor ferramenta utilizada no âmbito de controlo de tumultos pois esta capacidade está preparada para neutralizar e/ou incapacitar elementos que representem uma ameaça à integridade da força, utilizando meios considerados letais. É referido ainda que as equipas sniper podem desempenhar vários tipos de tarefas em controlo de tumultos das quais se destacam: identificação de ameaças, missões de reconhecimento e vigilância, missões contra sniper, auxílio na tomada de decisão e supressão de elementos hostis.

Atualmente no que concerne a AP, os BI apenas têm integrados na sua orgânica os atiradores especiais. No subcapítulo seguinte, é abordado o conceito do atirador especial, o seu emprego operacional, a formação e as diferenças relativamente ao sniper.

1.2.1. Atirador Especial

O atirador especial pode ser definido como “um elemento que detém uma arma que lhe permite efetuar tiro com maior alcance e precisão do que um atirador vulgar” (Carvalho, 2009, p. 27). E segundo o mesmo autor, “a sua missão consiste em bater alvos atribuídos pelo seu comandante direto e é empregue em função da doutrina da unidade a que pertence” (Carvalho, 2009, p. 27).

De acordo com Miranda (2009, p. 49) o atirador especial “é um militar treinado em técnica de tiro, equipado com um sistema de pontaria ótico que consegue atingir alvos para além do alcance prático da sua arma”.

Ao contrário do sniper que é capaz de atuar de forma isolada e efetuar fogo de precisão às longas distâncias, o atirador especial apenas é capaz de atuar enquadrado com a secção ou pelotão onde está inserido e fazer fogo de precisão até às médias distâncias (600 metros) por ter uma espingarda de calibre superior e um tipo de formação específica (Barndollar, 2016).

Este atirador é equipado com uma espingarda e uma alça telescópica que lhe permite fazer fogo de precisão às curtas e médias distâncias e é treinado com o objetivo de abater

alvos selecionados de grande valor tático como metralhadoras ligeiras ou médias, equipas sniper, armas anticarro, entre outros. Normalmente é selecionado por ser o elemento da secção que tem mais experiência, mais maturidade, maior capacidade de fazer tiro preciso e que é mais confiável. Apesar de ter capacidades especiais, o atirador especial tem de ser capaz de executar o mesmo tipo de tarefas que os restantes elementos da secção e está de igual forma, subordinado ao comandante de secção e/ou pelotão (USArmy, 2016).

Atualmente o atirador de infantaria é treinado para fazer fogo até a uma distância de 300 metros (curtas distâncias) e o sniper embora sendo capaz de fazer fogo acima dos 300 metros, atua principalmente às longas distâncias (acima dos 600 metros). Para preencher este intervalo existente entre os 300 e os 600 metros (médias distâncias), surge o atirador especial, que embora sendo equipado com uma arma padrão ou com um calibre maior (7,62mm) que a dos restantes atiradores da secção ou pelotão (5,56mm), possui uma alça telescópica, acoplada na arma e um treino especializado que lhe permite selecionar alvos, avaliar distâncias e efetuar fogos de precisão dentro do intervalo referido. Apesar de ter um treino especializado quanto às técnicas de tiro de precisão comparativamente a um atirador convencional, o atirador especial não pode ser equiparado a um sniper. O atirador especial não possui o equipamento nem o treino necessário para conseguir fazer fogo às longas distâncias e atuar autonomamente no campo de batalha (CB) (USArmy, 2008).

Tal como refere Miranda (2009, p. 49) o atirador especial “não tem missões específicas atribuídas nem o nível de C2 que uma parelha sniper terá, uma vez que se encontram implementados nos pelotões”.

Atualmente em Portugal no que se refere aos BI da BrigInt, os atiradores especiais surgem integrados nas secções dos pelotões de atiradores (EME, 2020a).

Devido às capacidades requeridas a um atirador especial, para que este consiga desempenhar as funções para as quais é nomeado, é requerida uma formação adicional relativamente a um atirador convencional (USArmy, 2008).

Em Portugal, o curso de atirador especial é da responsabilidade da Escola das Armas sediada na cidade de Mafra e é ministrado por Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente, habilitados com o curso de instrutor de tiro de combate, nomeados pelo Comandante do Regimento de Comandos (EME, 2019a).

O curso tem a duração de quinze dias úteis e tem como finalidade atribuir aos formandos, um conjunto técnicas, táticas e conhecimentos necessários para que possam

apoiar a manobra das subunidades onde estão inseridos, através do emprego de fogos de precisão até aos 600 metros (médias distâncias) e na deteção de alvos a distâncias superiores relativamente à capacidade de um atirador convencional, através da utilização dos aparelhos óticos que acoplam nas suas armas (EME, 2019a; USArmy, 2008).

Para a seleção dos militares com vista a frequentarem o curso de atirador especial, os comandantes devem ter em conta determinadas características do indivíduo, como a experiência militar, o aproveitamento no tiro de precisão, fiabilidade, maturidade e capacidade de decisão (USArmy, 2008).

De acordo com o referencial de curso atualmente em vigor no Exército Português, referente ao atirador especial, o formando tem de ser capaz de: operar o armamento orgânico individual; atuar como atirador especial no espectro das operações militares (ofensivas, defensivas, de estabilização e em áreas urbanas); observar, analisar e compreender as características do terreno num determinado setor atribuído; elaborar cartas de tiro; elaborar e relatar relatórios de observação; adotar medidas no âmbito da contra vigilância (táticas anti sniper, camuflagem e dissimulação); reconhecer, identificar e empregar conceitos elementares do tiro, fatores do meio ambiente que influenciam o tiro e as diferentes técnicas de tiro em condições de visibilidade reduzida, respetivamente; executar tiro utilizando os vários tipos de alças (mecânicas e óticas) sob condições especiais; efetuar tiro de pistola; e efetuar tiro de transição entre a arma principal e de recurso (EME, 2019a).

O curso de atirador especial surge como complemento à formação já adquirida pelo militar no âmbito de atirador de infantaria. Como tal, o atirador especial para além de ter a necessidade de dominar as áreas anteriormente referidas, tem também de ser capaz de dominar as áreas requeridas a um atirador de infantaria. Tal se deve por atuar inserido numa secção ou pelotão que tem como missão executar operações em todo espectro de operações militares (EME, 2019a).

1.3. Sniper de Operações Especiais

Numa ótica de analisar o que atualmente está previsto nos QO dos BI, em relação à capacidade sniper (SOEsp atribuído aos BI pelo CFT quando necessário) e a capacidade que se pretende analisar nesta investigação (SConv), iremos nos próximos subcapítulos abordar, respetivamente, três diferentes níveis, emprego operacional, formação e treino operacional.

No âmbito deste trabalho de investigação aplicada, é importante diferenciar e compreender os diferentes tipos de sniper.

Relativamente ao termo militar sniper, podemos afirmar que existem dois tipos, o SOEsp e o SConv (ISTC, 2004). Ambos são considerados atiradores de precisão e tal como refere Gonçalves (2019, p. 57) “a alma do Atirador de Precisão (AP) foi forjada no exato segundo em que o Homem imprimiu, intencionalmente, rotação e efeito giroscópio numa munição/projétil”.

No presente subcapítulo iremos então abordar o conceito de SOEsp nos três níveis anteriormente referidos e posteriormente abordaremos o SConv.

1.3.1. Emprego Operacional

O SOEsp é um indivíduo com um treino especializado em técnica individual de combate e técnicas avançadas de tiro de precisão, que devido às suas características consegue bater alvos selecionados, que não são possíveis de serem batidos por um atirador convencional, às mais longas distâncias, sob quaisquer condições, sem ser detetado e tem a particularidade de apoiar e executar missões no âmbito das operações especiais (USArmy, 2003).

Segundo o manual sniper de USArmy (2003, p. 1-1), o SOEsp tem como objetivo alcançar “objetivos militares, políticos, económicos ou psicológicos por meios não convencionais em áreas hostis, negadas ou politicamente sensíveis” em tempo de paz, de conflito ou em tempo de guerra e pode atuar em apoio de forças convencionais ou de forma autónoma (ISTC, 2004).

O SOEsp tem a capacidade de “identificar e informar a localização precisa de objetivos designados (pessoal ou material), destruir ou neutralizar alvos selecionados com elevada criticidade (...) até médias e longas distâncias, realizar guiamento de forças, entre outras” (Gouveia, 2022, p. 100).

O SOEsp tem a capacidade de apoiar as FOE em todos os níveis de conflito, sendo capaz de atacar alvos específicos numa determinada hora e local (ISTC, 2004), e “identificar e informar a localização precisa de objetivos designados (pessoal e/ou material) para os destruir ou neutralizar, normalmente a médias e longas distâncias” (EME, 2014, p.2-2).

Os tipos de missões das FOE diferem do tipo de missões das forças convencionais “no seu grau de risco, nas táticas e técnicas operacionais, nos modos de atuação, no facto de

serem conduzidas de forma independente, normalmente para além do alcance dos sistemas de armas táticas e da capacidade de intervenção das FConv” (Miranda, 2009, p.14).

Estes tipos de missões de carácter complexo requerem habilidades específicas que são intrínsecas do SOEsp, como a infiltração em linhas inimigas sem ser detetado, a capacidade precisa de orientação e a capacidade de aceder a sistemas de segurança complexos (ISCT, 2004).

De acordo com o ISTC (2004) e o USArmy (2003) o SOEsp pode ser empregue nas seguintes tipologias de missões, ação direta, reconhecimento especial e assistência militar.

As missões de ação direta caracterizam-se por serem operações de curta duração, elevada precisão e risco, conduzidas pelas FOE cuja finalidade é interditar, recuperar, neutralizar ou destruir um objetivo de elevada criticidade (EME, 2014), onde o sniper assume um papel fundamental no que concerne a neutralizar elementos-chave, localizar posições e forças inimigas e isolar o objetivo (ISTC, 2004).

As missões de reconhecimento especial destinam-se a obter informações críticas do inimigo, em tempo real, que são caracterizadas pela sua elevada especificidade e sensibilidade e pela sua importância ao nível operacional ou estratégico (EME, 2014).

No tipo de missões de assistência militar o sniper atua em apoio das forças aliadas quer seja em tempo de paz, em tempo de crise ou em tempo de conflito, através do “treino, assessoria e apoio a forças militares (...) para que estas possam controlar uma situação de instabilidade interna, normalmente resultante de subversão, insurreição, ameaça terrorista ou ilegalidades” (EME, 2010b, p. 2-4).

Surge ainda na doutrina portuguesa na PDE referente às Operações não Convencionais, as missões de ação indireta que se caracterizam por “todas as atividades que as FOE desenvolvem em território inimigo ou por si ocupado ou controlado, para organizar, instruir, orientar e apoiar forças irregulares, e assim, através delas, atuar sobre o inimigo” atuando “como multiplicadores de força, atendendo à capacidade de gerar forças irregulares” (EME, 2010b, p. 2-5).

Para além das missões mencionadas nos parágrafos anteriores, dadas as características particulares, o SOEsp, pode também executar tarefas “dentro das operações de resposta a crises, operações de busca e salvamento em combate e das operações de combate ao terrorismo, constituindo-se em forças especialmente adequadas ao contraterrorismo” (EME, 2010b, p. 2-5).

O SOEsp revela-se também como um elemento essencial nas operações de contra sniper, pelas suas características e pelo conhecimento que possui sobre as capacidades e limitações da própria capacidade (USArmy, 2003).

Embora as missões que o SOEsp desempenha sejam as anteriormente referidas, dado o seu treino especializado tem também a capacidade de desempenhar missões de SConv, quando se encontra em apoio às forças convencionais, tais como, “patrulhas de combate; emboscadas; contra sniper; observação avançada; operações militares em áreas urbanizadas e integrar forças em contacto ou em reserva nas operações retrógradas” (EME, 2020a, p.4).

Em Portugal os SOEsp estão inseridos no pelotão sniper, que por sua vez está integrado na Companhia de Comando e Apoio (CCA), pertencente à FOE (ver figura nº 1).

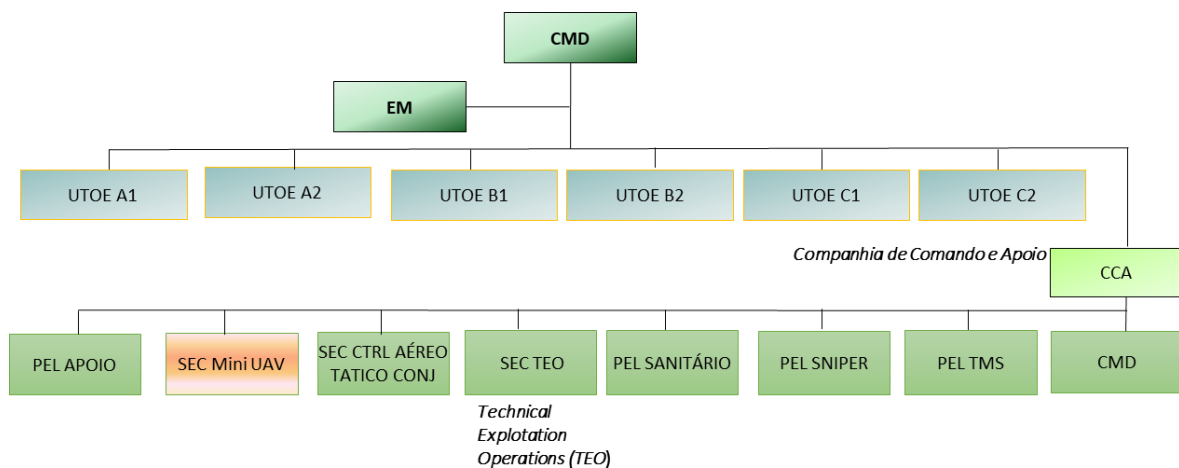


Figura n.º 1 - Quadro Orgânico da FOE

Fonte: Elaboração própria, adaptado de EME (2019b, p. 3)

1.3.2. Formação

Neste subcapítulo é descrito a estrutura do curso de sniper baseado nos manuais do CIOE (2004), ISTC (2004), USArmy (2003), USArmy (2017) e USMarineCorps (1981).

Primeiramente, é necessário efetuar uma seleção criteriosa dos candidatos, pela exigência das capacidades requeridas por esta valência. Nem todos possuem as características necessárias. O candidato para além de ter de ser um militar dotado de grande motivação e vontade de aprender novas técnicas, táticas e procedimentos, também necessita de mostrar aptidão na área do tiro de precisão, condição física, visão, perfil psicológico, inteligência, técnica individual de combate e não ser fumador ou dependente do álcool

(CIOE, 2004; USArmy, 2003). O candidato deve ser também um indivíduo dotado de resiliência física e psicológica, para que seja capaz de lidar com o stress que advém do tipo de missões inerentes do sniper (Nindl, et al., 2018). Para além de preencher estes requisitos, o candidato a SOEsp tem de ser obrigatoriamente um elemento pertencente às FOE, possuindo já o treino característico desta força (USArmy, 2003).

Durante o curso sniper, os formandos têm de ser capazes de aprender e dominar várias áreas que serão necessárias para executar missões neste âmbito, tais como: a técnica individual de combate; técnicas avançadas de tiro de precisão; planeamento; equipamento e armamento (USArmy, 2017; USArmy, 2003).

A formação referente à técnica individual de combate que o sniper tem que dominar é abordada em todos os manuais anteriormente referidos e contempla as técnicas de: camuflagem individual, do equipamento e da posição de tiro para impedir a observação do inimigo; progressão tanto ao nível individual como em equipa para que o inimigo não suspeite da sua presença ou que não seja detetado; localização e construção dos vários tipos de abrigo sniper, de acordo com a intenção do comandante, demonstrando as várias técnicas e as suas vantagens e inconvenientes; as várias técnicas de observação sob quaisquer condições meteorológicas de dia e de noite para ser capaz de criteriosamente recolher dados e fornecer informações ao comandante sobre o inimigo e o CB; deteção e seleção de alvos, para ser capaz de localizar tipos de alvos que se revelem mais prejudiciais para o inimigo quando atacados (material e ou pessoal), tanto por fogos diretos como por fogos indiretos; as diferentes técnicas de avaliação de distâncias para que o sniper seja capaz de efetuar os ajustes necessários na sua arma, preencher esboços e preparar a sua tabela de tiro; preenchimento de fichas de registo que contempla a elaboração dos vários tipos de esboços uma vez que uma das missões do sniper é recolher e reportar informações para o escalão superior (CIOE, 2004; ISTC, 2004; USArmy, 2017).

Para além das técnicas anteriormente mencionadas, o sniper por forma a aumentar a sua capacidade de sobrevivência durante as missões deve também dominar outro tipo de técnicas. Estas técnicas englobam: adaptação ao meio ambiente; capacidade de apoiar pelo fogo; regulação de fogos; infiltração e exfiltração; perseguição e contra perseguição; sobrevivência; orientação no terreno e primeiros socorros (CIOE, 2004; ISTC, 2004; USArmy, 2017).

A formação no âmbito da técnica de tiro também é comum nos manuais anteriormente referidos e contemplam: os fundamentos do tiro⁶ que incluem, as diferentes posições de tiro (onde se deve apoiar na estrutura óssea e deve ter os músculos relaxados), a pontaria (onde deve fazer um correto alinhamento com o alvo), controlo da respiração e controlo do gatilho para diminuir a oscilação da arma e manter o correto alinhamento em relação ao alvo; balística interna, externa e terminal; efeitos das condições meteorológicas que podem afetar a munição e ou o atirador, que incluem, o vento, pressão atmosférica, miragens, temperatura, humidade e luz; técnicas de *holdoff* com a intenção de contrariar situações onde existem um número variado de alvos a diferentes distâncias, juntamente com mudanças rápidas da direção do vento; técnicas para aquisição de alvos em movimento (seguimento com a graduação das linhas de estadia, seguimento com o retículo sobre o alvo); treino do observador (indicação do alvo, observação dos disparos e capacidade de diálogo com o atirador); ficha de registos do sniper, onde são feitos os registos antes, durante e após o tiro, por forma a que o atirador compreenda melhor o seu desempenho as capacidades da sua arma e seja capaz de corrigir pequenos erros, criando os seus próprios valores; tiro com o equipamento de proteção individual em ambiente nuclear, biológico, químico e radiológico (CIOE, 2004; ISTC, 2004; USArmy, 2017).

Segundo USArmy (2003), os formandos precisam de cumprir com os seguintes requisitos: em alvos fixos até aos 600 metros ter aproveitamento de 90% na primeira série de disparos; em alvos fixos entre os 600 metros e os 900 metros ter aproveitamento de 50% na primeira série de disparos; contra alvos em movimento até aos 300 metros ter aproveitamento de 70% na primeira série de disparos; contra alvos de oportunidade até aos 400 metros ter aproveitamento de 70%.

Embora os formandos tenham de atingir um grau elevado de proficiência na técnica individual de combate e nas técnicas de tiro, também precisam de dominar o planeamento que é necessário realizar, com vista à preparação e execução da missão. É através do planeamento que a equipa sniper consegue, prever o tempo, efetuar coordenações e o esforço necessário para o cumprimento da missão, assim como a seleção do equipamento, armamento e munições que depende diretamente das variáveis de missão⁷ (USArmy, 2017).

⁶ Fundamentos do tiro - posição; pontaria; respiração; gatilho; seguimento e recuperação (EME, 2020).

⁷ Missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios disponíveis, tempo disponível, condições de âmbito civil (MITM-TC) (EME, 2012b).

A preparação da missão contempla as seguintes etapas: recepção da missão; emissão da ordem preparatória; elaboração do plano provisório; listas de controlo de coordenação; ordem de operações; *briefback*; verificação do equipamento; inspeção final; e treinos (USArmy, 2017). As equipas sniper são empregues sob o comando do comandante de batalhão e é necessário a nomeação de um oficial sniper para efetuar a ligação entre os snipers e a força (CIOE, 2004; ISTC, 2004). Este oficial de ligação sniper é responsável por, aconselhar o comandante sobre o emprego da capacidade sniper, atribuir missões às equipas, retificar a forma de emprego e as missões, manter a ligação entre o comandante, da força e a da equipa sniper, dar o *briefing* ao comandante da força e ao comandante da equipa sniper e também é responsável por treinar as equipas (CIOE, 2004). Embora o oficial de ligação seja o responsável por dar o *briefing* às equipas sniper, é o chefe de equipa que tem a responsabilidade de planejar detalhadamente todos os aspetos da missão (rotas, coordenadas, localização das posições de tiro, etc) e manter o observador informado de todos esses detalhes (USMarineCorps, 1981). O oficial de ligação tem de fazer um planeamento detalhado para posteriormente dar a ordem ao chefe de equipa. Após a recepção da ordem, o chefe de equipa continua o planeamento por forma a completá-lo ao nível do seu escalão (USMarineCorps, 1981). Para tal, o planeamento deve seguir as seguintes etapas: estudo da missão (com vista a identificar tarefas essenciais para a execução da missão); fita do tempo; estudo e análise da situação e do terreno (através de caixas de areia, fotografias aéreas, cartas topográficas, entre outros); organizar a equipa sniper, a equipa de apoio bem como selecionar o armamento e material necessário para a missão; elaborar o plano provisório; efetuar coordenações com as forças amigas; conduzir reconhecimentos (no terreno ou em cartas topográficas dependendo do tempo disponível); completar o plano; dar a ordem de operações; supervisionar; conduzir treinos; executar a missão (USMarineCorps, 1981).

Uma missão sniper pode ser dividida em quatro fases: infiltração, execução, extração, recuperação. Cada uma destas fases contemplam várias etapas e todas elas devem ser planeadas de acordo com a missão e a ação no objetivo (USArmy, 2017).

Quando atuam em apoio a outras forças, as equipas sniper têm de realizar as coordenações necessárias não só no âmbito do planeamento mas também para que se mantenham em sintonia. As forças apoiadas devem partilhar algumas das suas normas de execução permanente para que as equipas sniper tenham conhecimento, tal como os sinais

de combate, para que em situações táticas as equipas sniper consigam perceber e respeitar as regras de comunicação utilizadas pela força que estão a apoiar (USMarineCorps, 1981).

Relativamente ao equipamento, é fundamental que o sniper compreenda as características, capacidades e modo de operar de todo o equipamento orgânico do sniper. Este equipamento é constituído pelo armamento, munições, miras telescópicas, aparelhos de visão noturna, binóculos, aparelhos de comunicação e outros (USArmy, 1994).

O armamento utilizado pelo sniper tem as características necessárias para efetuar tiro preciso às longas distâncias. Embora grande parte deste tipo armas “para terem mais precisão, geralmente não possuem partes móveis, ou seja, utilizam uma culatra de ferrolho” (Moreira, 2008), atualmente são também utilizadas armas semiautomáticas (USArmy, 2017). Este tipo de armamento é caracterizado pela sensibilidade do gatilho (por forma a proporcionar um maior controlo no momento do disparo) e por terem o cano mais comprido para aumentar a precisão e distância (Moreira, 2008). Segundo Moreira (2008), podem ser divididas em duas categorias, armas sniper ligeiras com calibre 7,62mm e armas sniper pesadas com calibre 12,7mm ou 14,5mm. As principais diferenças destas duas categorias é que a segunda detém de uma maior capacidade de penetração e alcance (CIOE, 2004).

No que se refere ao tipo de munições utilizadas pelo sniper, segundo Freitas (2017, p. 27) “são munições diferentes das regularmente usadas, sendo que o projétil é mais pesado e são calibradas (a quantidade de pólvora é aproximadamente a mesma, não existindo grandes variações, pois caso existissem influenciaria o tiro), sujeitas a um maior controlo da qualidade” para “alcançarem distâncias maiores e atingirem o alvo com mais precisão” (Moreira, 2008, p. 31). Estas munições podem ainda variar de acordo com os efeitos produzidos no alvo. Segundo o CIOE (2004) as munições podem ser distinguidas quanto aos efeitos produzidos e podem ser, incendiarias, perfurantes, explosivas e de fragmentação.

As miras telescópicas são aparelhos que potenciam a precisão do atirador, compostas por um conjunto de lentes para melhorar a transmissão de luz e minimizar reflexos e um retículo, com o objetivo de formar uma imagem ampliada do alvo e facilmente o sobrepor (USArmy, 2017). Derivado dos vários fatores externos como a pressão atmosférica, temperatura, humidade, vento e altitude, estes aparelhos por forma a colmatar as consequências destas variantes possuem mecanismos, que permitem ao atirador realizar os ajustes necessários em elevação e direção (Pegler, 2004).

As equipas sniper utilizam também outra tipologia de aparelhos óticos para que consigam manter a sua capacidade de combate em ambientes de visibilidade reduzida como os aparelhos intensificadores de imagem (que aproveitam a luz residual existente para intensificar a luminosidade da imagem) e os aparelhos de infravermelhos (USArmy, 1994).

Para complementar e potenciar a capacidade de observação no CB, o sniper utiliza também binóculos (USArmy, 2017). Este equipamento não só permite potenciar a observação como também é utilizado para calcular a distância ao alvo com um erro mínimo, auxiliando o sniper a obter dados com uma certa precisão para conferir bons resultados em relação à eficácia do tiro (CIOE, 2004).

Por forma a manterem a ligação com as forças que estão a apoiar e garantirem comunicações com o escalão superior, as equipas sniper devem transportar rádios portáteis e consequentemente devem também saber operá-los na sua totalidade (USArmy, 2017).

Para além de todo o equipamento e armamento, anteriormente referido, o sniper deve também ser portador de outro tipo de material e armamento que é necessário, tal como, a arma secundária (pistola de 9mm), material de navegação (escalímetro, cartas topográficas, GPS⁸, etc), calculadora, fita métrica e mochila com os artigos necessários para a sua sobrevivência (água, fatos de camuflagem, kits de primeiros socorros, entre outros) (USArmy, 2017).

1.3.3. Treino Operacional

Com vista na manutenção das capacidades exigidas a um SOEsp com o objetivo de apoiar e executar missões de operações especiais, este tem de cumprir com um treino específico de forma regular (USArmy, 2003). Tal como refere Teixeira (2021, p. 43) “o sucesso do sniper pode não ser só definido na sua seleção, mas também no seu treino”. De acordo com o manual americano FM 3-05.222, a frequência do treino é um fator muito importante para que o sniper consiga manter o nível de proficiência, são necessárias pelo menos 8 horas de treino de tiro por semana para que o sniper consiga manter a capacidade de fazer fogo de precisão às longas distâncias. O treino necessário para que o SOEsp consiga manter as suas capacidades/valências pode dividir-se em seis grupos de exercícios, tais como: exercícios de tiro de precisão; exercícios de perseguição; exercícios de avaliação de

⁸ Global Positioning System.

distâncias; exercícios de observação; exercícios de construção de posições de tiro; exercícios de camuflagem e ocultação. O sniper deve dominar os tipos de exercícios anteriormente mencionados, contudo o seu treino deve incidir com maior frequência na prática do tiro de precisão pois se o sniper não tiver sucesso neste domínio, as outras técnicas tornam-se inúteis (USArmy, 2003).

Relativamente ao treino do tiro de precisão, existe um conjunto de exercícios que permitem ao sniper desenvolver e aumentar o nível de proficiência nesta matéria, são eles: exercícios de agrupamento; prática de fogo contra alvos em movimento; prática de fogo com distâncias desconhecidas; prática de fogo sob condições de visibilidade reduzida; prática de fogo sob stress; prática dos fundamentos do tiro através do treino de tiro seco. Os exercícios de agrupamento servem para que o sniper consiga identificar erros do tiro assim como os efeitos provenientes do meio ambiente, num cenário controlado, de modo a conseguir realizar os ajustes necessários para colmatá-los. Para tal são realizadas várias sessões de tiro com cinco munições de cada vez, a várias distâncias, entre os 100 e os 800 metros. Os exercícios de fogo contra alvos em movimento, consistem em fazer fogo contra silhuetas com medidas aproximadas do real que se deslocam na carreira de tiro em diferentes direções e diferentes velocidades, representando uma caminhada lenta, caminha normal ou corrida. Este exercício deve ser executado entre os 100 e os 600 metros e o atirador não deve saber previamente a direção que o alvo vai tomar. Podem ainda ser realizados contra alvos em movimento, que param durante três a cinco segundos e voltam a mover-se, entre os 600 e os 800 metros. Estes tipos de exercícios podem ser executados com várias equipas, no qual é atribuído um alvo para cada uma delas (USArmy, 2003).

No que se refere aos exercícios de tiro a distâncias desconhecidas, o sniper desenvolve as suas capacidades relativamente à avaliação de distâncias. Uma das técnicas utilizadas para este efeito, é o uso do cartão de tiro e do esboço de setor, onde o sniper consegue estimar a distância ao alvo. Este tipo de exercício deve ser realizado entre os 200 aos 800 metros de distância. Relativamente ao fazer fogo sob condições de visibilidade reduzida, o sniper tem de conseguir bater alvos estáticos ou em movimento, entre os 100 e os 600 metros de distâncias, seja com aparelhos de visão noturna, seja com auxílio de luminosidade artificial. Por forma a melhorar a aplicação dos exercícios, anteriormente mencionados, pode aplicar-se o fator stress através do prévio esforço físico, tempo limite

para abater o alvo e perseguição do alvo. O fator stress tem como objetivo aproximar o treino às situações reais (USArmy, 2003).

A técnica de tiro do sniper pode também ser melhorada através da prática dos fundamentos do tiro através da prática de tiro seco. Atualmente, é utilizado neste âmbito tecnologias que permitem desenvolver as técnicas de tiro sem a utilização de munições reais, tal como o sistema *Mantis*. Este sistema pode ser acoplado em qualquer tipo de arma, é capaz de analisar e transmitir dados relevantes de todos os disparos efetuados e consequentemente permite ao utilizador, verificar os aspetos necessários para melhorar a sua técnica de tiro (Paulus, 2021).

Os exercícios de perseguição têm como objetivo desenvolver as capacidades da equipa sniper na aproximação e ocupação de uma posição de tiro, sem serem detetados e normalmente é realizado fogo contra um alvo, por forma a serem avaliados pelos instrutores relativamente à posição escolhida. Neste tipo de exercícios, a equipa sniper aperfeiçoa também as suas técnicas de, escolha da posição de tiro, deslocamento, camuflagem, orientação e planeamento (USArmy, 1994).

No treino de avaliação de distâncias o sniper desenvolve as suas capacidades de aferir distâncias. São colocados vários objetivos até a uma distância de 800 metros, onde o sniper, com ou sem o apoio dos binóculos ou telescópio da arma, tem de estimar a distância a que se encontram os objetivos, dentro de uma margem de dez por cento. Quanto à prática da observação, são colocados objetivos dentro de um determinado setor de tiro a uma distância que apenas são reconhecíveis através do telescópio do observador e a equipa sniper tem de elaborar um esboço e identificar os objetivos dentro de um tempo limite. Neste tipo de treino a equipa sniper desenvolve as suas capacidades de observação e recolha de informação sobre o inimigo (USArmy, 2003).

No que se refere ao treino de camuflagem e ocultação na construção de abrigos ou posições de tiro, a equipa sniper, numa primeira fase, tem de ser capaz de selecionar o melhor local de modo a conseguirem bater o setor atribuído. Numa segunda fase, têm de construir um abrigo camuflado e suficientemente largo para se abrigarem com todo o material que possuem e posteriormente elaborarem esboços e preencherem a tabela de tiro. Para tal, têm um tempo limite de oito horas. Após este tempo limite, a equipa sniper não pode ser detetada mesmo efetuando um disparo. O objetivo primário deste tipo de treino é desenvolver as

técnicas de camuflagem de uma posição escolhida pela equipa sniper, para que não sejam detetados quando não se encontram em movimento (USArmy, 2003).

Todos os exercícios anteriormente mencionados, visam manter a proficiência da equipa sniper e devem ser realizados com frequência (USArmy, 2003).

1.4. Sniper Convencional

1.4.1. Emprego Operacional

Ao longo dos anos, nos vários tipos de conflitos, a capacidade sniper tem vindo a ser muito valorizada. De acordo com Pomarède (2018) os snipers eram considerados como uma fonte de admiração na segunda grande guerra. Dadas as suas múltiplas qualidades, os comandantes dos atuais exércitos consideram o sniper, um ativo de grande valor e fundamental no atual CB (Haskew, 2004).

Como consequência, o desenvolvimento desta capacidade tem vindo a ser trabalhada tanto ao nível do treino como também na atualização do equipamento e armamento. Dada a exigência que caracteriza esta capacidade, não é qualquer indivíduo que possui as características necessárias. O papel do sniper no CB inclui inúmeras qualificações e ser um atirador exímio é apenas uma das variadas qualidades requeridas (Haskew, 2004). Tal como refere Gonçalves (2019, p. 60) “todo o Atirador de Precisão deverá sentir-se como um pequeno átomo de carbono que, incorporando o ferro (gerando o aço), dá o melhor de si para forjar a alma da mais bela criação humana: a Espingarda de Precisão”.

O SConv, atualmente é definido como um indivíduo altamente treinado, equipado, que tem desenvolvidas as capacidades básicas de infantaria até ao grau de perfeição. A sua principal característica é bater alvos discriminados, com um elevado grau de precisão às curtas, médias e longas distâncias. Alvos estes que não são possíveis serem batidos pelo atirador convencional devido à distância, tamanho, localização ou visibilidade. O tipo de treino que o SConv possui permite que este seja um multiplicador de força e permite também assegurar a sua sobrevivência no CB (USArmy, 1994).

Segundo o FM 3-21-21, a missão do SConv pode ser dividida em duas partes. A primeira consiste em apoiar as operações de combate batendo alvos selecionados com um elevado grau de eficácia às longas distâncias. E a segunda consiste na vigilância, recolhendo e relatando informações do CB (USArmy, 2016).

De acordo Sisk, Rance, Jones, Perkins e Sipes, (2020) o SConv é um elemento de ataque preciso, inteligente e flexível capaz de se infiltrar á frente das linhas amigas e na retaguarda das linhas inimigas com o objetivo de eliminar o comando, controlo, comunicações, computadores e informações (C4I).

De acordo com o manual sniper de USArmy (1994), o sniper pode ser empregue em todo o espectro de operações militares. Ao desempenhar as suas funções no CB, o SConv afeta diretamente as atividades, o moral e o processo de tomada de decisão do inimigo. Quando atua, dificulta o movimento, cria confusão e medo no inimigo. Consegue afetar as operações e o planeamento do adversário e obriga a que estes tenham a necessidade de dividir forças para lidarem com a sua presença. O SConv pode ser empregue em patrulhas de combate, emboscadas, operações de contra sniper, como elementos de observação, operações em ambiente urbano e operações retrógradas onde o sniper pode fazer parte da força deixada ao contacto ou como força de apoio (USArmy, 2016).

O SConv também possui a capacidade de efetuar reconhecimentos. Consegue fornecer ao comandante, rotas navegáveis para o grosso da força assim como informações do terreno, atividade e dispositivo do inimigo em tempo real. Esta perceção do CB torna o SConv capaz de regular fogos de artilharia e morteiros sobre o inimigo (Sisk, Rance, Jones, Perkins e Sipes, 2020). Todas estas capacidades demonstram que as equipas sniper são um multiplicador de força, proporcionando aos comandantes vantagens inestimáveis no CB moderno (Sisk, Rance, Jones, Perkins e Sipes, 2020, p. 39).

Nas missões de carácter ofensivo, o sniper tem a capacidade de desviar ou iludir a atenção do inimigo da área de esforço, fazendo-o concentrar-se em pequenas operações de moldagem. Fornece ao comandante a vantagem de afetar o planeamento defensivo do inimigo proporcionado pela capacidade inerente de desorganizar, fixar e isolar pequenas formações através de fogos diretos ou indiretos. O emprego desta capacidade nas operações ofensivas requer que os comandantes aceitem os riscos inerentes. Como tal e de forma a mitigar ou reduzir os riscos, o planeamento deve ser detalhado e devidamente coordenado entre o batalhão e as equipas sniper (Wright, Dominguez & Sisk, 2022).

A finalidade das operações defensivas consiste em criar as condições favoráveis para a condução de operações ofensivas ou de estabilização (EME, 2012b). Tal como nas operações ofensivas, o SConv constitui-se como uma vantagem para o comandante pois tem a capacidade de retardar, desorganizar e fixar o ataque do inimigo. A capacidade de

infiltração do SConv constitui uma nítida vantagem no âmbito da identificação dos eixos de aproximação do inimigo e na sua capacidade de se constituir como observador avançado. São peritos na identificação de alvos e conseguem fornecer ao comandante, informações sobre o inimigo e a localização e dispositivo da abertura de brecha. Ao retardar e fixar o inimigo através de fogos precisos de longo alcance, o SConv, permite ao comandante, concentrar os fogos com as armas principais sobre o inimigo por um maior período de tempo, resultando num maior número de baixas (Wright, Dominguez & Sisk, 2022).

Ao longo dos anos, em situações de combate, o sniper demonstrou ser uma das maiores vantagens que um comandante pode ter, tanto pela sua fiabilidade como também pelas suas competências/capacidades e deve ser considerada a sua utilização para futuros conflitos (Wright, Dominguez & Sisk, 2022).

1.4.2. Formação

Após uma análise intensiva dos manuais da doutrina americana e o manual da doutrina portuguesa referentes à formação sniper, como o manual sniper de USArmy (2017) referente ao FM 3-22.10, o manual da formação e emprego do sniper das forças especiais de USArmy (2003) referente ao FM 3-05.222, o manual curso de sniper do ISTC (2004), o manual sniper de USMarineCorps(1981) referente ao FMFM 1-3B e o manual sniper do CIOE (2004), podemos concluir que relativamente à formação do SConv, esta é em toda a sua extensão igual à formação do SOEsp descrita no subcapítulo 1.3.2., contudo existe uma grande diferença.

Tendo em conta as características do tipo de missões e do emprego do SConv que difere do SOEsp, enquanto candidato a SConv, este não tem como pré-requisito ser um elemento da FOE. Ainda assim, as restantes características exigidas para a seleção dos candidatos a SConv são comuns, assim como as diferentes áreas relativamente à formação que os formandos têm de dominar, sendo elas: a técnica individual de combate; técnicas avançadas de tiro de precisão; planeamento e equipamento.

O SConv tem de desenvolver as suas aptidões nas áreas anteriormente referidas para que possa cumprir a sua missão primária ao apoiar as forças convencionais nas operações de combate através do emprego de fogo de precisão contra alvos selecionados às longas distâncias e também cumprir com a sua missão secundária que consiste em recolher e relatar informações pertinentes do CB, para o comandante (USArmy, 2017).

1.4.3. Treino Operacional

Através da mesma análise referida no subcapítulo 1.4.2. nos diversos manuais anteriormente mencionados, concluímos que, tal como a formação, o treino operacional que é exigido ao SConv por forma a manter as suas capacidades, regularizadas, nas diferentes técnicas no âmbito sniper é o mesmo descrito, para o SOEsp, no subcapítulo 1.3.3..

De acordo USArmy (2017) através do FM 3-22.10, o sniper por forma a manter-se capaz de cumprir com o tipo de missão que lhe é atribuída, deve, de forma regular, ser treinado nas técnicas de observação, avaliação de distâncias, técnicas avançadas de tiro de precisão, camuflagem e perseguição, tal como o SOEsp.

1.5. Análise Comparativa

No presente subcapítulo apresentamos, através da tabela n.º 1 uma síntese comparativa entre o SOEsp e o SConv relativamente ao emprego operacional, formação e treino operacional, de modo a facilitar a compreensão. O emprego operacional foi dividido em duas linhas, a primeira denominada de “autonomia” e a segunda denominada de “em apoio a outras forças”, com o objetivo de diferenciar o modo como os dois tipos de sniper podem ser empregues. A formação foi dividida em “prévia” e em “especializada/valências”, com o objetivo de clarificar que tipo de formação é requerida para frequentar o curso de SOEsp e o curso de SConv e após a conclusão do curso de sniper que valências são obtidas para cada um deles. Por fim, o treino operacional foi dividido em “individual” e “em conjunto com outras forças”, com a finalidade de esclarecer e diferenciar que tipos de treinos são necessários realizar, para os dois tipos de sniper.

Assim com a presente tabela é possível verificar e compreender de forma simplificada as principais diferenças entre as duas capacidades, SConv e SOEsp.

Tabela n.º 1 - Síntese Comparativa entre SOEsp e SConv

		SOEsp	SConv
Emprego Operacional	Autonomia	Pode ser empregue de forma autónoma no CB	Não atua de forma autónoma no CB

	Em apoio de outras Forças	Pode ser empregue em apoio às Forças de Operações Especiais ou em apoio às Forças Convencionais	É empregue apenas em apoio às Forças Convencionais e pode atuar de forma isolada (não atua fora do raio de ação da Força que apoia)
Formação	Prévia	Possui obrigatoriamente o curso de Operações Especiais	Possui a mesma formação básica dos atiradores de infantaria que integram as subunidades
	Especializada/Valências	Curso de SOEsp	Curso de SConv
Treino Operacional	Individual	É necessário cumprir com um treino regular de caráter individual para manter/melhorar as capacidades de SOEsp	É necessário cumprir com um treino regular de caráter individual para manter/melhorar as capacidades de SConv
	Em conjunto com outras Forças	É necessário efetuar treinos conjuntos com as FOE e FConv	É necessário efetuar treinos conjuntos com as FConv

Fonte: Elaboração Própria

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

O presente capítulo tem como objetivo descrever o processo metodológico utilizado para a realização deste Trabalho de Investigação Aplicada.

Relativamente à formatação e estrutura, esta investigação, está de acordo com a NEP 522/1.^a da AM. A elaboração das citações e das referências bibliográficas foram realizadas de acordo com a sétima edição das normas da Associação Americana de Psicologia (APA).

Com vista em explicar o raciocínio metodológico que se desenvolveu nesta investigação, nos próximos subcapítulos são apresentados os objetivos da investigação, a PP e as PD, as técnicas de recolha de dados e o processo de amostragem.

2.1. Definição dos Objetivos da Investigação

Com o objetivo de orientar esta investigação relativamente ao tipo de estudo a realizar (Santos & Lima, 2019, p. 52), foi definido o objetivo geral: “analisar as implicações da introdução do SConv nos BI do exército português”. Posteriormente, procedeu-se “à decomposição ou desconstrução” (Santos & Lima, 2019, p. 58) do objetivo geral “da investigação em aspetos mais restritos e elementares, traduzidos em atividades e tarefas que deverão ser observáveis e mensuráveis, de modo a permitir conhecer o grau de cumprimento” (Santos & Lima, 2019, p. 58) do objetivo geral. Assim, foram definidos os OE representados no Quadro n.º 1.

Quadro n.º 1 – Objetivos Específicos

Objetivos da investigação	
OE1	Analisar o emprego tático do SConv nas missões dos BI.
OE2	Identificar as necessidades de formação requeridas a um SConv.
OE3	Identificar as necessidades de treino requeridas a um SConv.

Fonte: Elaboração própria

2.2. Definição da Pergunta de Partida e Perguntas Derivadas

Como fio condutor da investigação e a partir do OG do trabalho foi identificada a PP: **“Quais as implicações do SConv nos BI do Exército Português?”**. Posteriormente, por forma a responder à PP e a partir dos OE foram definidas três PD apresentadas no Quadro n.º 2.

Quadro n.º 2 – Pergunta de Partida e Perguntas Derivadas

Pergunta de Partida	
PP	Quais as implicações da introdução do SConv nos BI do exército português?
Perguntas Derivadas	
PD1	Qual o emprego tático do SConv nas missões dos BI?
PD2	Quais são as necessidades de formação requeridas a um SConv?
PD3	Quais são as necessidades de treino requeridas a um SConv?

Fonte: Elaboração própria

2.3. Técnicas de Recolha de Dados

Este trabalho de investigação foi orientado para uma abordagem mista, através do emprego de inquéritos por entrevista. O método utilizado foi o indutivo. Tal como refere Santos & Lima (2019, p. 18), “o processo indutivo corresponde a uma operação mental que tem como ponto de partida a observação de factos particulares para, através da sua associação, estabelecer generalizações que permitam formular uma lei ou teoria”.

Assim sendo, este trabalho de investigação incide numa revisão sistemática da literatura onde foi realizada uma pesquisa documental, uma pesquisa bibliográfica e também foi realizada uma recolha de informação através do emprego de inquéritos por entrevista a militares com funções relevantes do 1BIMecRodas e do 2BIMecRodas da BrigInt, a militares SConv e SOEsp do Exército Espanhol e a militares SOEsp do Exército Português

a fim de responder da melhor forma possível, às questões de investigação referidas no subcapítulo anterior.

2.3.1. Análise Documental

Através da análise documental, a presente investigação teve como principal foco perceber quais as implicações da introdução do SConv nos BI da BrigInt e como tal, numa primeira fase foi efetuado uma pesquisa documental para analisar o atual ambiente operacional e perceber se a capacidade sniper se enquadrava perante a atual tipologia de ameaças. Numa segunda fase procedeu-se à análise e descrição dos BI por forma a compreender a sua missão, possibilidades, capacidades, limitações e o que está previsto no que concerne à capacidade sniper, bem como aplicabilidade desta capacidade na tipologia de operações dos BI. Posteriormente, numa terceira fase, foi efetuada uma análise documental no que diz respeito à capacidade sniper numa ótica de implementação (formação), manutenção (treino operacional), execução (emprego operacional) e ainda analisar as diferenças entre o SOEsp e o SConv.

Para tal, recorreremos a artigos científicos, artigos de revistas, teses de mestrado, livros sobre sniper, manuais de formação e treino sniper e publicações doutrinárias do Exército Americano, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e do Exército Português.

2.3.2. Entrevistas

De acordo com Santos & Lima (2019, p. 101) a “entrevista é uma forma singular de interação social que tem como objetivo principal recolher dados para a investigação” e segundo a mesma fonte, a entrevista pode ser do tipo não estruturada, estruturada e semiestruturada.

Na presente investigação foram utilizados inquéritos por entrevistas com o objetivo de obter o máximo de informação possível através da acessibilidade e estruturação das perguntas. Tendo em conta a amostra escolhida para a presente investigação, sendo esta composta por militares de duas nacionalidades diferentes e tendo em conta a disponibilidade dos mesmos, foi enviado os inquéritos por entrevista aos entrevistados com o objetivo de facilitar o preenchimento das mesmas. A construção do guião da entrevista foi elaborado tendo em conta os objetivos da investigação (Santos & Lima, 2019).

O inquérito por entrevista é composto por três tipos de perguntas, fechadas, abertas e de escolha múltipla de leque fechado, o que permitiu uma análise quantitativa e qualitativa. De acordo com Santos & Lima (2019, p. 77), “As perguntas abertas permitem total liberdade de resposta, devendo, por isso, ser usadas muito criteriosamente. São contudo muito úteis quando existe pouca informação sobre o tema a estudar e quando se pretende estudar um dado tema em profundidade”. Relativamente às perguntas fechadas, estas “limitam a possibilidade de resposta a uma das alternativas previamente apresentadas pelo investigador, sendo estas, tipicamente, dicotómicas (opção entre o sim e o não)” (Santos & Lima, 2019, p. 77). No que concerne às perguntas de escolha múltipla de leque fechado, “permitem a escolha de uma ou várias respostas entre diversas alternativas e/ou à ordenação das respostas. Diz-se fechada por não ser dada a oportunidade ao informante de apresentar a sua própria opinião, para além da contida nas alternativas sugeridas” (Santos & Lima, 2019, p. 78).

Após terem consentido a participação nesta entrevista, os entrevistados iniciaram o inquérito por entrevista. Para a realização dos inquéritos por entrevistas, recorremos à aplicação *google forms*, com o objetivo de facilitar na disseminação das mesmas. De modo a facilitar a compreensão do conteúdo, para os militares espanhóis foram elaborados e dirigidos inquéritos por entrevista com a devida tradução. Posteriormente, foi utilizado em conjugação com a aplicação *google forms*, o *Microsoft Excel* para a organização e tratamento dos dados.

2.4. Processo de Amostragem

A técnica de amostragem utilizada na presente investigação, foi a não probabilística intencional, uma vez que os entrevistados foram selecionados pelo investigador (Santos & Lima, 2019). Os participantes foram selecionados pelo grau de relevância para a investigação, tendo em conta a experiência que possuíam e a funções que desempenhavam. Foram realizadas 17 entrevistas (Quadro n.º 3), sendo que três foram a militares do 1BIMecRodas, três a militares do 2BIMecRodas, cinco a Oficiais snipers do CTOE e seis a militares snipers do exército espanhol.

Quadro n.º 3 – Amostra Seleccionada

N.º	Posto	Função	País
-----	-------	--------	------

1	Tenente-Coronel	Comandante do 1BIMecRodas	Portugal
2	Capitão	Oficial de Operações do 1BIMecRodas	Portugal
3	Capitão	Comandante da 2CAAt do 1BIMecRodas	Portugal
4	Tenente-Coronel	Comandante do 2BIMecRodas	Portugal
5	Capitão	Oficial de Operações do 2BIMecRodas	Portugal
6	Capitão	Comandante da 1CAAt do 2BIMecRodas	Portugal
7	Capitão	Comandante da CCA da FOE/CTOE	Portugal
8	Capitão	Oficial de Operações da FOE/CTOE	Portugal
9	Tenente	Comandante do Pelotão Sniper FOE/CTOE	Portugal
10	Primeiro-Sargento	Comandante de Equipa Sniper FOE/CTOE	Portugal
11	Primeiro-Sargento	Comandante de Equipa Sniper FOE/CTOE	Portugal
12	Brigada	Chefe de equipa SConv/Paraquedista	Espanha
13	Cabo	Atirador/Observador SConv/Paraquedista	Espanha
14	Cabo Mayor	Instrutor SConv/Infantaria	Espanha
15	Sargento	Chefe de equipa SConv/Cavalaria	Espanha
16	Cabo Mayor	Instrutor SOEsp/Operações Especiais	Espanha
17	Sargento-Primeiro	Atirador SOEsp/Royal Marines	Espanha

Fonte: Elaboração própria

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

3.1. Apresentação de Resultados

Neste subcapítulo iremos analisar os resultados obtidos dos inquéritos por entrevista que foram enviados e respondidos por militares com conhecimento, experiência e funções extremamente relevantes para esta temática.

Para garantir uma abordagem sistemática tanto na recolha de dados como para analisar os resultados obtidos, foi desenvolvida, a partir do modelo de análise⁹ desta investigação, uma tabela¹⁰ que estabelece relação entre todos os elementos estruturais deste trabalho de investigação. Esta tabela aborda não só a PP, mas também as PD, abrangendo as diversas problemáticas tratadas e identificando as perguntas exploradas. Derivado da tabela anteriormente mencionada, foi elaborado o guião¹¹ do inquérito por entrevista. Tendo em conta a experiência e conhecimento dos entrevistados do exército espanhol, é importante referir que foram acrescentadas perguntas ao guião a eles dirigido. Nomeadamente as perguntas número 6, 11, e 15 com o objetivo de obter mais informações relativamente ao emprego operacional, à formação e treino operacional do SConv, uma vez que o exército espanhol tem integrado nos seus BI, os snipers convencionais. Todas as outras questões contempladas no guião foram dirigidas a todos os entrevistados.

A análise dos resultados será apresentada de acordo com as problemáticas da investigação relacionadas com as PD. Os próximos subcapítulos estão alinhados com as PD, onde numa primeira fase será enunciado o contexto das perguntas e numa segunda fase será apresentada uma análise qualitativa e quantitativa dos resultados que foram obtidos tanto nas respostas das questões abertas¹² como nas fechadas, respetivamente, presentes no inquérito por entrevista.

3.1.1. Emprego Operacional

Relativamente à problemática A, realizaram-se as 8 primeiras perguntas apresentadas no anexo A, sendo que os resultados obtidos serão apresentados neste subcapítulo. A Figura

⁹ Anexo A.

¹⁰ Anexo B.

¹¹ Anexo C.

¹² Anexo D.

n.º 2 demonstra os resultados obtidos relativamente à pergunta n.º 1, onde foi pedido aos entrevistados para classificarem por grau de importância os tipos de missões previstas no QO dos BI.

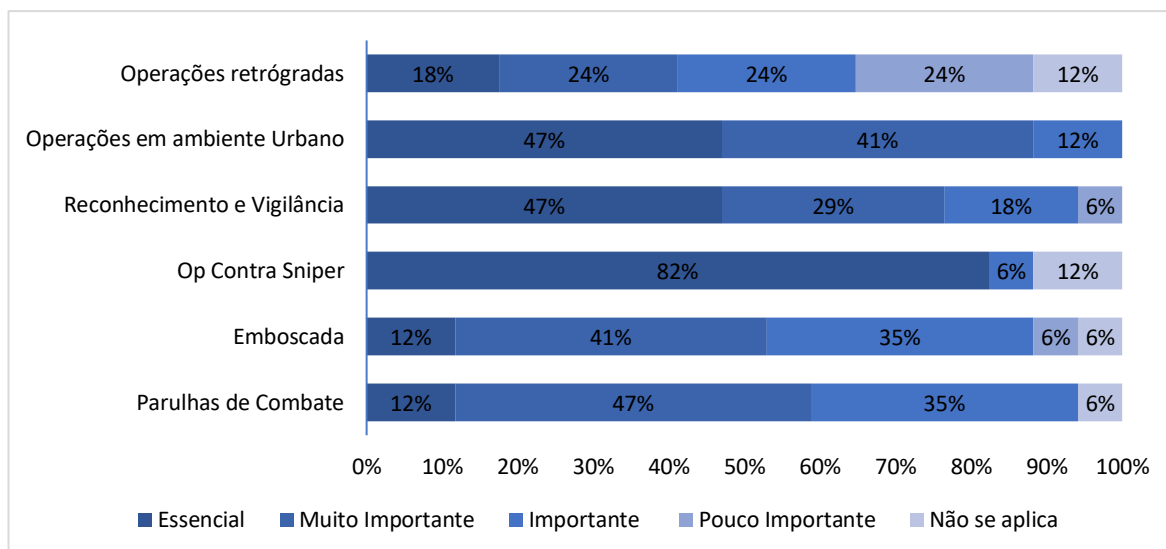


Figura n.º 2 – Importância das missões que os SConv podem desempenhar em apoio aos BI, descritas nos QO dos BI

Fonte: elaboração própria

Dos tipos de missões mencionadas, as operações contra sniper foram apontadas por 82% dos entrevistados como sendo essencial a utilização da capacidade sniper em apoio aos BI, seguida da tipologia de operações em ambiente urbano (47%) e reconhecimento e vigilância (47%). Foi também reconhecida a relevância da utilização da capacidade sniper tanto nas patrulhas de combate, onde 12% dos entrevistados consideraram essencial, 47% muito importante e 35% consideraram importante, como também nas emboscadas onde de igual forma 12% dos entrevistados descreveram a utilização da capacidade sniper como essencial, 41% muito importante e 35% importante. No tocante às operações retrógradadas, este tipo de missão teve como resultado uma opinião dividida com 24% dos entrevistados a descreverem este tipo de missão como muito importante, importante e pouco importante.

Na pergunta número 2, foi pedido aos entrevistados para mencionarem outros tipos de missões para além das referenciadas na questão anterior. Como tal, os resultados consistiram numa ampla variedade de missões no âmbito das operações ofensivas, defensivas, de estabilização, de apoio à paz e controlo de tumultos. Neste âmbito foram

identificadas missões de cerco e busca, busca e ataque, defesa móvel, defesa de área, apoio para restabelecer segurança pública, extração e ou resgate, identificação de agitadores e ameaças, proteção da força e ou entidades, guiamento da força, regulação de fogos indiretos (tipo morteiros) atuando como observador avançado e interdição de pontos.

Na 3ª pergunta, foi solicitado aos participantes no inquérito por entrevista, que selecionassem por grau de importância algumas vantagens apresentadas, relativamente ao emprego do SConv em apoio aos BI. Para tal foram utilizadas palavras-chave e a explicação das mesmas (ver pergunta n.º 3 no Apêndice C). Os resultados referentes a esta pergunta encontram-se na Figura n.º 3.

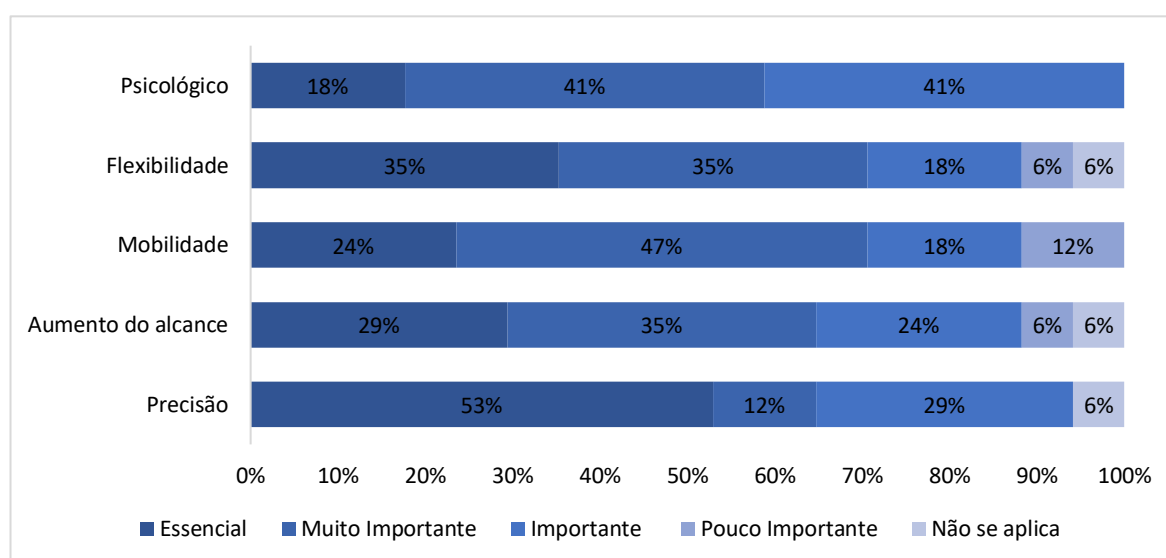


Figura n.º 3 – Importância das vantagens do emprego do SConv em apoio aos BI

Fonte: elaboração própria

Das vantagens mencionadas na terceira pergunta, a que conferiu maior destaque foi a “Precisão”, considerada como essencial por 53% dos entrevistados. Contudo ao contabilizarmos as duas variáveis de maior valor, “essencial” e “muito importante”, consideramos também as restantes vantagens como fatores de grande importância do emprego do SConv em apoio aos BI, destacando-se a mobilidade com um somatório de 71% e a flexibilidade com um somatório de 70%.

Relativamente à pergunta número 4, foi requerido aos entrevistados que mencionassem outras vantagens para além das mencionadas na pergunta número três. Como tal, foram mencionadas outras vantagens inerentes do emprego do SConv como a letalidade, surpresa, eficiência, a capacidade de atuação como observador avançado garantindo a regulação de fogos indiretos e a capacidade de inteligência, vigilância, aquisição de alvos e reconhecimento (ISTAR) provenientes das características da capacidade sniper.

A pergunta número 5 teve como objetivo verificar quais as desvantagens do emprego do SConv em apoio aos BI, do ponto de vista dos entrevistados. Os custos de formação, do equipamento, armamento, da manutenção da capacidade sniper através do treino operacional e a logística necessária por forma a sustentar as equipas sniper quando atuam de forma isolada, foram as principais desvantagens que foram consideradas pelos entrevistados. Para além destas, também os custos que advêm da necessidade de aquisição de meios de transporte autónomos para que as equipas sniper tenham a mesma capacidade de mobilidade que os BI, foi considerada como uma desvantagem.

No tocante à pergunta número 6, esta apenas foi dirigida aos militares snipers do exército espanhol, uma vez que Espanha é um país que possui tanto a capacidade SOEsp como também a capacidade SConv integrada nos BI. Os militares referidos foram escolhidos para participar nesta investigação pelo grau de conhecimento e experiência que possuem nesta temática. O objetivo foi compreender quais as diferenças do emprego operacional entre o SConv e o SOEsp. Como tal, pudemos apurar, segundo os entrevistados, que o modo de atuação é o mesmo, contudo o SConv atua ao nível operacional e tático e o SOEsp para além destes dois níveis, pode também atuar ao nível estratégico. Outra diferença que foi identificada refere-se à capacidade que o SOEsp tem de atuar de forma autónoma no CB e a sensibilidade dos alvos que lhes são confiados que em contrapartida não se adequa às capacidades do SConv.

Por fim, nesta problemática foram dirigidas as perguntas 7 e 8 a todos os entrevistados, com a finalidade de verificar a opinião dos mesmos relativamente à integração do SConv nos BI. Na pergunta 7 foi requerido aos entrevistados para responderem “sim” ou “não” em relação à integração do SConv nos BI, ser uma mais-valia. Os resultados obtidos encontram-se na figura n.º 4.

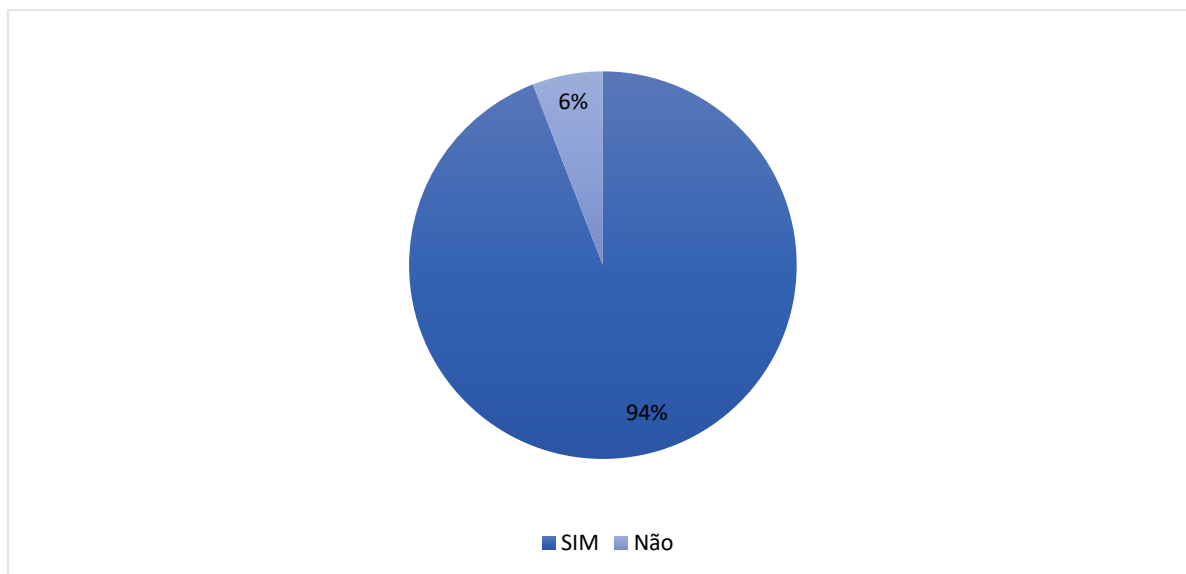


Figura n.º 4 – Opinião sobre a integração do SConv nos BI ser uma mais valia

Fonte: elaboração própria

A figura n.º 4 demonstra que 94% dos entrevistados consideram que a integração do SConv nos BI é uma mais-valia. Consequentemente na pergunta 8 obtiveram-se as justificações para as respostas da pergunta 7. O sniper é considerado pelos entrevistados como um multiplicador do potencial de combate de uma força, pela capacidade de reconhecimento e vigilância, capazes de obter e reportar informações em tempo oportuno do CB, contribuindo para o processo de tomada de decisão do comandante; por ser um recurso útil de um comandante para tarefas específicas e críticas; pela capacidade de eliminação seletiva de alvos; por aumentar a capacidade de precisão dos BI; pela capacidade de proteção da força; pela flexibilidade que proporciona ao comandante e ao estado maior do batalhão; e por potenciar as capacidades da força em operações em ambiente urbano.

3.1.2. Formação

Relativamente à problemática B, foram realizadas as perguntas 9, 10 e 11, cujos resultados são apresentados de seguida. A figura n.º 5 representa os resultados obtidos na pergunta n.º 9. Foi intenção desta pergunta perceber qual o grau de importância das quatro áreas principais que constituem o curso de sniper, sendo elas a técnica individual de combate (reconhecimento e observação, camuflagem e ocultação, navegação no terreno,

comunicações, entre outros), técnicas avançadas de tiro de precisão até às longas distâncias, planeamento, equipamento e armamento.

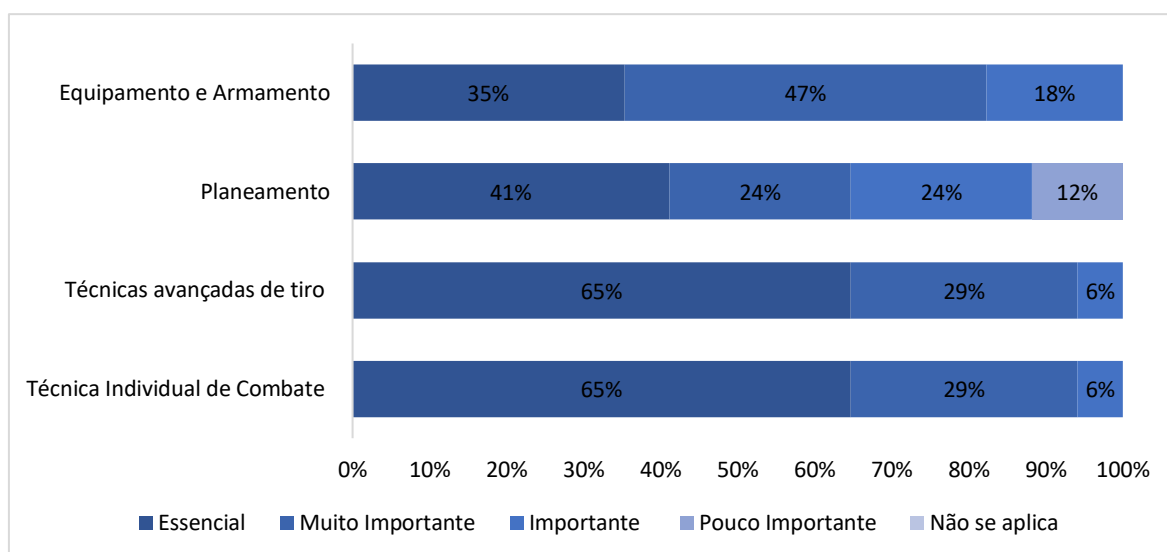


Figura n.º 5 – Importância das áreas que constituem a formação do SConv

Fonte: elaboração própria

Embora as quatro áreas mencionadas tenham sido consideradas de grande valor no que concerne à formação do SConv, a técnica individual de combate e as técnicas avançadas de tiro de precisão foram as duas áreas que mais se destacaram, ambas com 65% dos entrevistados a considerarem como áreas essenciais.

A pergunta 10 teve como objetivo perceber que outras áreas poderiam ser integradas no curso sniper com a finalidade de melhorar as capacidades desta valência. Os entrevistados referiram que o curso de sniper deveria ser complementado com o curso de patrulhas de reconhecimento de longo raio de ação. Este curso visa desenvolver as capacidades de reconhecimento especial, nomeadamente no reconhecimento e identificação de material bélico, sendo apontado pelos entrevistados, como uma mais-valia, para que o sniper consiga identificar o cenário que está a observar com maior precisão. Também o módulo de observador avançado, foi referido pelos entrevistados que deveria ser mais aprofundado com vista em aumentar as capacidades do sniper relativamente à regulação de fogos indiretos.

Relativamente à pergunta 11, esta tal como a pergunta 6 apenas foi dirigida aos militares espanhóis, visto que têm ambas as capacidades. Foi solicitado aos entrevistados

que referissem quais as diferenças de formação entre o SConv e o SOEsp. Os resultados obtidos referem-se às diferenças no planeamento, uma vez que o SOEsp tem um planeamento específico para quando atua de forma autónoma no CB. Tendo em conta que o SConv atua sempre integrado com outras forças não necessita deste tipo específico de planeamento.

3.1.3. Treino Operacional

No âmbito da problemática C, foram aplicadas as perguntas 12, 13, 14 e 15, tendo resultado nos dados apresentados de seguida. A Figura n.º 6 representa os resultados obtidos na pergunta 12 cuja finalidade consistiu em perceber o grau de importância nos exercícios que são conduzidos no treino operacional do sniper, com vista na manutenção das suas valências.

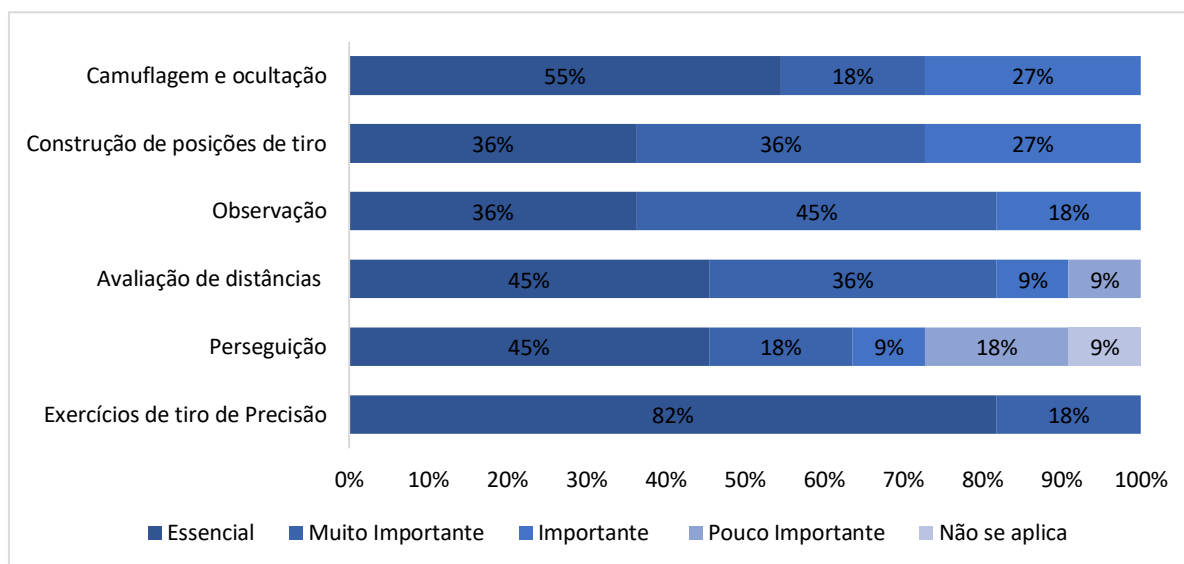


Figura n.º 6 – Importância dos exercícios necessários para a manutenção da capacidade do SConv

Fonte: elaboração própria

Todos os exercícios referidos na figura n.º 6 foram considerados de grande valor pelos entrevistados, relativamente à manutenção das capacidades do sniper. Contudo destacam-se os exercícios de tiro de precisão e os exercícios de camuflagem e ocultação que foram considerados como essenciais por 82% e 55% dos entrevistados, respetivamente.

No tocante à pergunta 13, pretendeu-se verificar, que outros tipos de exercícios, poderiam ser adicionados ao treino operacional do sniper. Os resultados evidenciaram que quatro tipos de exercícios deveriam ser adicionados por forma a garantir a manutenção da valência sniper, tais como, exercícios de planeamento, operações militares em ambiente urbano, exercícios de regulação de fogos indirectos e exercícios conjuntos com as unidades onde estão integrados.

A pergunta 14 teve como finalidade, perceber, com que frequência deveriam ser realizados, os exercícios mencionados na figura 6. A figura n.º 7 apresenta os resultados obtidos.

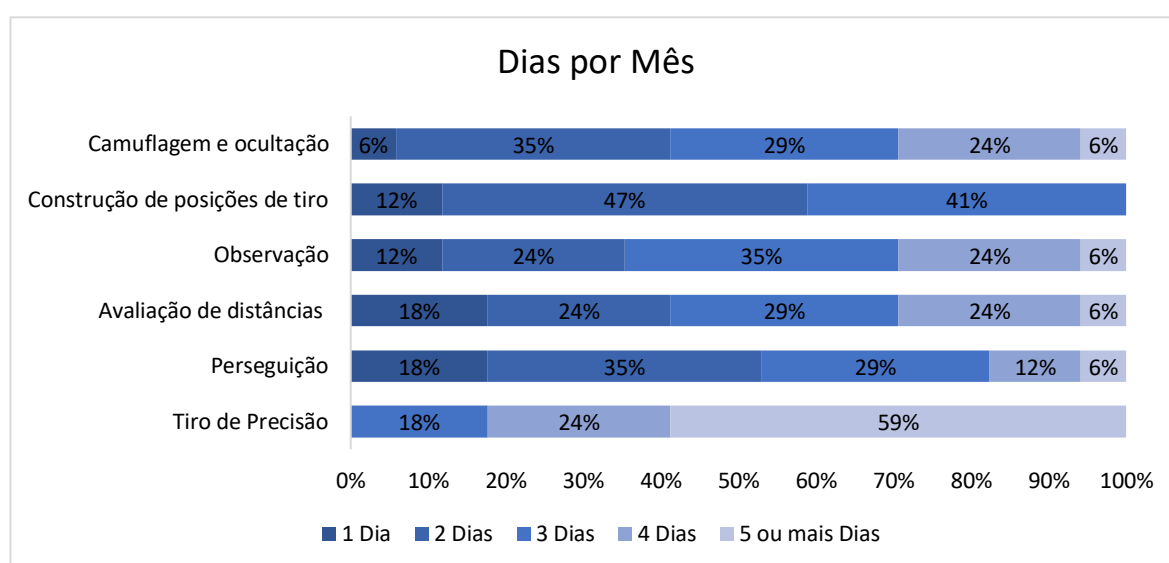


Figura n.º 7 – Frequência da realização dos exercícios contemplados no treino operacional do SConv

Fonte: elaboração própria

Verifica-se que o tiro de precisão foi considerado por 59% dos entrevistados como sendo necessários, 5 ou mais dias de treino, por mês. Os exercícios de perseguição foram contabilizados com sendo necessário a prática, 2 dias por mês (35%). Os exercícios de avaliação de distâncias e observação, foram apontados por 29% e 35% dos participantes, respetivamente, a realização de 3 dias de treino por mês. Os exercícios de construção de posições de tiro e os exercícios de camuflagem e ocultação, foram ambos contabilizados para 2 dias de treino por mês, por 47% e 35% dos entrevistados, respetivamente.

Relativamente à pergunta 15, esta apenas foi dirigida, tal como a pergunta 6 e 11, aos militares snipers espanhóis e teve como finalidade verificar a existência de diferenças no treino operacional entre o SConv e o SOEsp. Os entrevistados referiram que os exercícios básicos de treino sniper são os mesmos, contudo o treino que executam com as unidades onde estão inseridos são diferentes. O SConv apenas atua integrado numa FConv, como tal executa treinos no âmbito das operações convencionais apoiando as FConv. O SOEsp, normalmente, atua em apoio das FOE ou de forma autónoma no CB, como tal executa treinos no âmbito das operações especiais, tanto em apoio às FOE como de forma autónoma. O tempo gasto em manter os SOEsp em estado de prontidão permanente, também foi apontado como uma diferença relativamente ao treino operacional. Tendo em conta a criticidade do tipo de missões do SOEsp, estes podem ser destacados a qualquer momento, como tal, carecem de um elevado estado de prontidão. Assim, segundo os entrevistados, é exigido ao SOEsp, uma frequência de treino superior relativamente ao SConv, uma atualização constante relativamente aos procedimentos e a utilização de equipamento e armento mais recente.

CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1. Emprego Operacional

Em todo o espectro das operações militares, SConv é considerado um multiplicador de força, cujas capacidades podem revelar-se decisivas no CB (Sisk et al., 2020). Os resultados obtidos através dos inquéritos por entrevista revelam que o emprego da capacidade SConv em apoio aos BI, é um fator potenciador de força em todo o espectro de operações militares, tal como é referido no manual sniper de USArmy (1994). Os resultados indicam que é nas missões de contra sniper, missões em ambiente urbano e missões de reconhecimento e vigilância que a capacidade SConv revela maior importância.

O SConv, segundo Sisk et al. (2020), é uma capacidade que proporciona a qualquer comandante, vantagens incalculáveis no atual CB. Relativamente às vantagens do emprego da valência SConv quando integrada nos BI, os resultados da presente investigação adicionam que a capacidade de efetuar fogo com um elevado grau de precisão com a finalidade de neutralizar alvos específicos, com um risco reduzido de danos colaterais, a capacidade de poder atuar em qualquer tipo de terreno e movimentar-se com grande rapidez e discrição e a capacidade de poder ser empregue em vários tipos de missões, são as vantagens consideradas de maior valor. Contudo a capacidade de regular fogos indiretos, a capacidade de ISTAR, a letalidade, surpresa e eficiência foram outras vantagens identificadas relativamente ao emprego do SConv provenientes das suas características.

Embora a capacidade sniper proporcione inúmeras vantagens quando em apoio a uma FConv, também tem associado algumas desvantagens, este trabalho de investigação salienta que os custos associados à necessidade de meios de transporte para que possuam a mesma capacidade de mobilidade que os BI, os custos de formação, treino operacional, armamento, equipamento e a necessidade de apoio logístico quando atuam isoladamente no CB são consideradas desvantagens relativamente ao emprego operacional do SConv.

No âmbito da diferenciação do SConv e o SOEsp relativamente ao emprego operacional, destaca-se a capacidade que o SOEsp tem de atuar autonomamente no CB, a criticidade dos alvos que lhe são atribuídos e o modo de atuação nos diferentes níveis, sendo o SOEsp capaz de atuar ao nível operacional, tático e estratégico e o SConv apenas ao nível

operacional e tático. O SOEsp é ainda capaz de apoiar FConv e FOE, ao contrário do SConv que apenas é capaz de apoiar FConv.

No que concerne à introdução da capacidade sniper nos BI, esta foi considerada pela maioria dos entrevistados (94%) como um fator multiplicador do potencial de combate através das capacidades de reconhecimento, vigilância, precisão, eliminação de alvos selecionados, proteção da força, flexibilidade, por ser um ativo capaz de executar tarefas críticas e específicas e por aumentar as capacidades dos BI nas operações em ambiente urbano.

4.2. Formação

No que concerne à formação sniper, o curso é constituído essencialmente por quatro áreas principais, sendo elas, a técnica individual de combate, técnicas avançadas de tiro de precisão, planeamento, equipamento e armamento (USArmy, 2017). Esta investigação reforça que embora as quatro áreas sejam essenciais para o desenvolvimento e criação da valência sniper, são as áreas da técnica individual de combate e das técnicas avançadas de tiro de precisão que se revelam de maior importância.

Os resultados deste trabalho de investigação adicionam que o curso de patrulhas de reconhecimento de longo raio de ação deveria ser um complemento ao curso sniper, por forma a potenciar as capacidades de reconhecimento e vigilância desta valência. Também reforça que seria uma mais-valia, o módulo de observador avançado, ser mais aprofundado, com o objetivo de melhorar as capacidades de regulação de fogos do sniper.

Relativamente à formação do SConv e do SOEsp concluímos que ambos os cursos são compostos pelas quatro áreas principais anteriormente referidas. Contudo, foram identificadas diferenças relativamente ao planeamento. Os SOEsp sendo capaz de atuar de forma autónoma no CB, têm de estar habilitados a planear tendo em conta as necessidades que são requeridas por este *modus operandi*. Tendo em conta que o SConv não é capaz de atuar autonomamente no CB, não lhe é requerida estas técnicas de planeamento e execução.

4.3. Treino Operacional

Relativamente ao treino operacional do sniper, de acordo com o manual sniper do USArmy (2003), este é constituído por seis grupos de exercícios, tiro de precisão, perseguição, avaliação de distâncias, observação, construção de posições de tiro,

camuflagem e ocultação. Embora todos os exercícios anteriormente mencionados sejam fundamentais para que o SConv consiga manter as suas capacidades ao nível pretendido, os resultados do presente trabalho permitem-nos concluir que os exercícios de tiro de precisão e os exercícios de camuflagem e ocultação, são consideradas os de maior importância pela amostra. Através dos resultados, podemos também concluir que exercícios de planeamento, operações militares em ambiente urbano, regulação de fogos indiretos e exercícios conjuntos com as forças onde estão integrados, deveriam complementar o treino operacional do SConv.

De acordo com USArmy (2003) a frequência dos treinos é um fator crucial para a manutenção da capacidade sniper. Considerando os resultados desta investigação, verifica-se que o tiro de precisão é o tipo de exercício que requer mais horas de prática, apontado pela amostra para cinco dias ou mais por mês, que pode ser traduzido para mais de oito horas por semana, valor de referência apresentado no manual sniper do USArmy (2003) que considera necessário pelo menos 8 horas de prática por semana. Relativamente aos restantes exercícios, apurámos através desta investigação, que são necessários dois 2 dias de treino por mês para os exercícios de perseguição, construção de posições de tiro, camuflagem e ocultação e são necessários três dias de treino por mês para exercícios de observação e avaliação de distâncias.

Relativamente às diferenças do treino operacional entre o SConv e o SOEsp, este trabalho de investigação revela que os exercícios anteriormente referidos são comuns para as duas capacidades. A diferença reside no tipo de treino que é executado em conjunto com as unidades que apoiam. O SConv é integrado numa FConv, como tal tem de executar treinos com as FConv no âmbito das operações convencionais. Por sua vez, o SOEsp pode atuar de for autónoma no CB, em apoio de FOE ou em apoio de FConv. Como tal, é necessário executar treinos no âmbito das operações especiais de forma autónoma ou em apoio de FOE e tem também a necessidade de executar treinos em conjunto com FConv no âmbito das operações convencionais, tal como é descrito na tabela n. °1. O constante estado de prontidão associado ao SOEsp devido á criticidade das missões que pode desempenhar, também foi uma diferença identificada. Ao SOEsp é exigido uma maior frequência de treino relativamente ao SConv, bem como a necessidade de se manterem atualizados relativamente a novos procedimentos e relativamente ao armamento e equipamento mais recente.

CONCLUSÕES

Ao longo dos anos, o ambiente operacional tem vindo a sofrer alterações. Atualmente assistimos a uma redução relativamente aos conflitos convencionais de grande escala, onde forças armadas de diferentes nações se enfrentam no CB. Ao invés, atualmente surgem novos tipos de conflitos de carácter assimétrico e imprevisível, onde existe uma clara dificuldade na identificação da ameaça e onde é necessário ter em conta os danos colaterais enquanto se preserva a integridade e segurança das populações. Por forma a mitigar as características destes novos tipos de ameaças, é necessário empregar novas capacidades, sendo a valência SConv apontada como uma solução viável para apoiar a manobra dos BI, no âmbito das operações que estes estão aptos a desempenhar.

Como tal, o presente trabalho de investigação tem como principal objetivo “analisar as implicações da introdução do SConv nos BI do exército português”, nomeadamente nos BI da BrigInt, relativamente às implicações do emprego operacional, formação e treino operacional. Assim, foi realizada uma detalhada revisão da literatura bem como a realização de inquéritos por entrevista por forma a obter os melhores resultados possíveis sobre a temática da investigação. A seleção dos entrevistados teve por base as funções desempenhas, tendo sido escolhidos criteriosamente militares com funções de comando tanto do Regimento de Infantaria n.º13 (Vila Real) como do Regimento de Infantaria n.º14 (Viseu), bem como militares snipers com funções de comando na FOE/CTOE do Exército Português (Lamego) e militares snipers convencionais e de operações especiais do Exército Espanhol.

Assim, no que concerne à PD n.º1, **“Qual o emprego tático do sniper convencional nas missões dos BI?”**, o SConv está preparado para ser empregue em todo o espectro de operações militares em apoio aos BI, proporcionando ao comandante vantagens inestimáveis no CB, como tal, é considerado um fator multiplicador de força. Relativamente ao *modus operandi* do SConv destaca-se a capacidade de se movimentar no CB com grande rapidez e descrição, efetuar fogo preciso até às longas distâncias diminuindo os danos colaterais e a capacidade de reconhecimento e vigilância. Estas características do SConv permitem potenciar as capacidades dos BI em todo o tipo de operações, principalmente em operações em ambiente urbano e em operações de contra sniper.

Relativamente à PD n. º2, **“Quais são as necessidades de formação requeridas a um SConv”**, existem quatro áreas que são fundamentais e que constituem a formação do SConv, a técnica individual de combate, técnicas avançadas de tiro de precisão, planeamento, equipamento e armamento, destacando-se as duas primeiras áreas, pela acrescida importância no que concerne ao desenvolvimento da capacidade sniper. Para além destas áreas, verificou-se que o curso de patrulhas de reconhecimento de longo raio de ação deveria ser adicionado como um complemento ao curso de sniper, potenciando as valências desta capacidade, assim como, uma maior incidência no módulo de observador avançado, com a finalidade de aumentar os conhecimentos dos militares na regulação de fogos.

Quanto à PD n. º3, **“Quais são as necessidades de treino requeridas a um SConv”**, existem vários exercícios que sendo executados com uma determinada frequência, permitem ao SConv manter as suas capacidades ao nível pretendido. Destacando-se a prática de tiro de precisão pelo menos 8 horas semanais, exercícios de camuflagem e ocultação, perseguição e construção de posições de tiro pelo menos 2 dias mensais e a prática de exercícios de avaliação de distâncias e observação em pelo menos 3 dias por mês.

Tendo sido respondidas as PD, encontramos-nos em condições de dar resposta à PP desta investigação, **“Quais as implicações da introdução do SConv nos BI do Exército Português”**. Com vista em respondermos à PP foi necessário analisar a introdução SConv quanto à implementação (formação), manutenção (treino operacional) e execução (emprego operacional). Como tal, para se introduzir a capacidade SConv nos BI, é necessário a criação desta valência através da formação (curso SConv), de modo a permitir aos militares que pretendem obter esta valência, desenvolvam os conhecimentos, técnicas, táticas e procedimentos nas áreas da técnica individual de combate, técnicas avançadas de tiro de precisão, planeamento, armamento e equipamento. Após o término do curso, é necessário proceder à manutenção das capacidades do SConv, tendo estes que cumprir, frequentemente, com exercícios de tiro de precisão, camuflagem e ocultação, construção de posições de tiro, observação, perseguição e avaliação de distâncias. Após a implementação e consequentemente realizada a manutenção da capacidade SConv, estes potenciam as capacidades dos BI, com as suas características particulares, em todo o espectro de operações. Aumentam a eficácia das forças que apoiam, através da capacidade de empregar fogo até às longas distâncias com um elevado grau de precisão, diminuindo o risco de danos colaterais, através das capacidades de reconhecimento e vigilância que advêm do tipo de formação e

dos equipamentos utilizados e através da mobilidade e flexibilidade que caracterizam esta valência.

No que concerne ao contributo resultante desta investigação, destaca-se a análise da informação separada em três níveis, sendo eles referentes à implementação, manutenção e execução, da integração da capacidade SConv nos BI, ligados respetivamente à formação, treino operacional e emprego operacional, que pode ser utilizada para a realização de outras investigações em contextos similares.

Como limitações na realização deste trabalho, podemos destacar a inexistência de doutrina nacional (PDE) e artigos científicos relativamente à formação, treino operacional e emprego operacional da capacidade SConv. Como tal, houve a necessidade de analisarmos a doutrina Americana e NATO. Foi também identificada como limitação neste trabalho o facto de não conseguirmos aplicar o inquérito por entrevista, a um número maior de militares, com a valência SConv e principalmente a militares SConv integrados em BI equivalentes aos BI da BrigInt do Exército Português.

Em investigações futuras, sugere-se a realização de um estudo com a mesma natureza da presente investigação, contudo aplicado a outro tipo de implicações, nomeadamente no que se refere à organização dos BI com os SConv integrados, bem como analisar o equipamento, armamento e viaturas que seriam necessárias para equipar esta capacidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia Militar [AM]. (2016). NEP 522 - Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação.
- Baptista, J. (2012). *Os Snipers no apoio às forças convencionais*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, Academia Militar, Lisboa.
- Barndollar, G. (2016). The Precision Engagement Gap. *Military Operations*, 3(2), 4-6.
- Carvalho, J. (2009). *O Sniper nas Operações de Reconhecimento*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria, Academia Militar, Lisboa.
- Centro de Instrução de Operações Especiais [CIOE]. (2004). *Manual Sniper*. Lamego: CIOE.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2010a). *PDE 0-18-00: Abreviaturas Militares*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2010b). *PDE 3-09-00: Operações Não Convencionais*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2011a). *PDE 3-07-14: Manual de Combate em Áreas Edificadas*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2011b). *PDE 3-65-00: Operações de Apoio à Paz*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2012a). *PDE 3-52-05: Manual Doutrinário da Brigada de Intervenção*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2012b). *PDE 3-00: Operações*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2013a). *PDE 3-68-00: Controlo de Tumultos*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2013b). *PDE 4-00: Logística*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2014). *PDE 3-67-0: Operações especiais*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2019a). *Referencial de Curso: Atirador Especial*. Lisboa: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2019b). *Quadro Orgânico (09.02.14) Força de Operações Especiais*. Lamego: EME.

- Estado-Maior do Exército [EME] (2020a). *Quadro Orgânico (09.03.03) 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas*. Vila Real: EME.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2020b). *PDE 7-70-00: Formação e Treino de Tiro de Armas de Fogo Ligeiras*. Lisboa: EME.
- Freitas, T. (2017). *Identificação de necessidades de formação do sniper das Operações Especiais. Caso de Estudo: Uma equipa de snipers numa Força Nacional Destacada*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, Academia Militar, Lisboa.
- Gonçalves (2019). A Formação do Atirador de Precisão. *Ponto de Reunião*. 57-60.
- Gouveia, H. (2022). As Capacidades de Apoio de um Special Operations Task Group (SOTG). *Ponto de Reunião*. 98-101.
- Haskew, M. (2004). *The Sniper at War: From the American Revolutionary War to the Present Day* (1ª Edição). Reino Unido: Spellmount.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (2003). *FM 3-05.222 Special Forces Sniper Training and Employment*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (1994). *FM 23-10 Sniper Training*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (2008). *FM 3-22.9 Rifle Marksmanship M16-/M4-Series Weapons*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (2009). *FM 3-24.2 Tactics in Counterinsurgency*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (2016a). *ATP 3-21.8, C1 Infantry Platoon and Squad*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (2016b). *FM 3-21.21 SBCT Infantry Battalion*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Army [USArmy, H. D]. (2017). *FM 3-22.10 Sniper*. Washington: Headquarters Department of the USArmy.
- Headquarters Department of the United States Navy [USNavy, H. D]. (1981). *FMFM 1-3B Sniping*. Washington: Headquarters Department of the USNavy.

- International Special Training Centre [ISTC]. (2004). ISTC Sniper Course. Hampshire: ISTC.
- Magalhães, J. (2012). *O Batalhão de Infantaria do Battlegroup da União Europeia*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, Academia Militar, Lisboa.
- Miranda, P. (2009). *A Importância do Sniper no Novo CB*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, Academia Militar, Lisboa.
- Moreira, J. (2008). *O atirador sniper nas áreas edificadas*. Trabalho de Investigação Aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, Academia Militar, Lisboa.
- Nindl, B., Billing, D., Drain, J., Beckner, M., Greeves, J., Groeller, H., ... & Friedl, K. E. (2018). Perspectives on resilience for military readiness and preparedness: report of an international military physiology roundtable. *Journal of science and medicine in sport*, 21(11), 1116-1124.
- Paulus, D. (2021). Human Factors Learning Curve For Thumb-operated Trigger Rifle Using Gyroscopic Feedback Instrumentation. *Biomedical Sciences Instrumentation*. 57(2), 273-279.
- Pleger, P. (2004). *Out of Nowhere: A History of the Military Sniper* (1ª Edição). Reino Unido: Osprey.
- Pomarède, J. (2018). *Normalizing violence through frontline stories: the case of American Sniper*, Critical Military Studies, 4:1, 52-71, DOI: 10.1080/23337486.2016.1246995
- Ramalho, TGen José L.P. (2007). *O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta - Uma Reflexão*. Acedido a 19 de fevereiro de 2023, disponível em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/223>
- Santos, L., & Lima, J. (Coord.) (2019). Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação (2.ª ed., revista e atualizada). Cadernos do IUM, 8. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Sisk, J., Rance, C., Jones, J., Perkyuns, C., & Sipes, K. (2020) USASC Refines POI to Better Prepare Snipers for Modern Fight. *Closing the Gap*, 38-40. Acedido a 3 de março de 2023 em https://www.benning.army.mil/infantry/magazine/issues/2020/Spring/pdf/13_USASC_Sniper.pdf

- Teixeira (2021). O Sargento de Operações Especiais. *Ponto de Reunião*. 40-43.
- United States Joint Chiefs of Staff. (2014). *Joint Publication 3-05: Special Operations*. Washington, D.C: Chairman of the Joint Chiefs of Staff.
- Wright, D. M., Dominguez, A. A., & Sisk, J. A. (2022) The Sniper's Role in Large Scale Combat Operations. *Professional Fórum*, 16-18. Acedido a 2 de março de 2023 em https://www.benning.army.mil/infantry/magazine/issues/2022/Spring/PDF/3_ProfesionalForum.pdf

APÊNDICES

APÊNDICE A - Modelo de Análise da Investigação

Tabela n.º 2 - Modelo de análise da investigação

Objetivo Geral	Analisar as implicações da introdução do sniper convencional nos batalhões de infantaria		
Objetivos Específicos	Pergunta de Partida	Quais as implicações do sniper convencional nos batalhões de infantaria do exército português?	
	Perguntas Derivadas	Conceitos	Técnicas de recolha de dados
OE1- Analisar o emprego tático do sniper convencional nas missões dos batalhões de infantaria	PD1- Qual o emprego tático do sniper convencional nas missões dos batalhões de infantaria?	Emprego operacional	Análise bibliográfica, inquéritos por entrevistas
OE2- Identificar as necessidades de formação requeridas a um sniper convencional	PD2- Quais são as necessidades de formação requeridas a um sniper convencional?	Formação	
OE3- Identificar as necessidades de treino requeridas a um sniper convencional	PD3- Quais são as necessidades de treino requeridas a um sniper convencional?	Treino Operacional	

APÊNDICE B - Quadro enquadrante do inquérito por entrevista nas problemáticas da investigação

Tabela n.º 3 – Enquadramento do Inquérito por Entrevista nas Problemáticas da Investigação

Pergunta de Partida	Perguntas Derivadas	Problemática	Perguntas a explorar
Quais as implicações da introdução do SConv nos BI?	Qual o emprego tático do SConv nas missões dos BI?	A – Emprego Operacional	1 – O SConv, em apoio aos BI pode ser empregue em vários tipos de missões. Nos tipos de missões abaixo apresentados, selecione o grau de importância da aplicabilidade do sniper: Patrulhas de Combate; Emboscada; Operações Contra sniper; Reconhecimento e vigilância; Operações em ambientes urbanos; Operações Retrógradas.
			2 – Para além do tipo de missões mencionadas na pergunta anterior, que outro tipo de missões o SConv, em apoio aos BI, pode ser empregue?
			3 - De acordo com as vantagens na lista abaixo apresentadas relativamente ao SConv em apoio aos BI, selecione por grau de importância: Precisão; Aumento do alcance; Mobilidade; Flexibilidade; Psicológico.
			4 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além das vantagens mencionadas na pergunta anterior, que outros tipos de vantagens advêm do emprego do SConv em apoio aos BI?
			5 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, quais as desvantagens do emprego do SConv em apoio aos BI?
			6 – Quais são as diferenças entre o emprego operacional entre o SConv e o sniper de operações especiais?

			7 – Tendo em conta a sua experiência e conhecimento, do seu ponto de vista pensa que o sniper convencional é uma mais-valia quando integrado nos batalhões de infantaria?
			8 – Justifique a resposta anterior.
	Quais são as necessidades de formação requeridas a um SConv?	B - Formação	9 - Relativamente à formação sniper, esta contempla as áreas mencionadas na seguinte lista: Técnica individual de Combate (Reconhecimento e observação; camuflagem e ocultação; navegação no terreno; comunicações, entre outros); Técnicas avançadas de tiro de precisão até às longas distâncias; Planeamento; Equipamento e Armamento; Das áreas mencionadas relativamente à formação do SConv, refira qual o grau de importância de cada uma delas.
			10 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além das áreas mencionadas na pergunta anterior, relativas à formação do SConv, que outras áreas poderiam ser uma mais-valia para a formação do SConv?
			11 – Quais são as diferenças entre o curso de SConv e o de sniper de operações especiais?
	Quais são as necessidades de treino operacional requeridas ao SConv?	C – Treino Operacional	12 - Relativamente ao treino operacional do SConv, este tem de cumprir com um conjunto de exercícios por forma a manter as suas capacidades/valências ao nível requerido, sendo eles: Exercícios de tiro de precisão; Exercícios de perseguição; Exercícios de avaliação de distâncias; Exercícios de observação; Exercícios de construção de posições de tiro; Exercícios de camuflagem e ocultação.

			Tendo em conta o conjunto de exercícios mencionados, refira qual o grau de importância de cada um deles.
			13 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além dos exercícios mencionadas na pergunta anterior, referentes ao treino operacional do SConv, que outros exercícios poderiam ser uma mais-valia para o treino do SConv?
			14 - Tendo em conta os exercícios mencionados na primeira pergunta desta Secção, de acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, com que frequência deveriam ser executados estes exercícios para que o sniper consiga manter as suas capacidades/valências ao nível pretendido? Observações: Considere que 8h equivale a um dia de trabalho. Unidade de medida: Dias por Mês
			15 - Quais são as diferenças no treino operacional entre o SConv e o sniper de operações especiais?

APÊNDICE C - Guião de Entrevista

Implicações da Introdução do Sniper Convencional nos Batalhões de Infantaria do Exército Português

No âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) que me encontro a realizar, inserido no domínio do ciclo de estudos da Academia Militar (AM) e que está subordinado ao tema "Implicações da introdução do Sniper Convencional nos Batalhões de Infantaria do Exército Português", gostaria de solicitar a sua participação neste inquérito por entrevista sobre a temática já referida.

O presente trabalho tem como objetivo perceber quais as implicações da introdução do sniper convencional nos Batalhões de Infantaria Mecanizados de Rodas (BIMecR) da Brigada de Intervenção (BrigInt) do Exército português. Nomeadamente, perceber, a tipologia de missões, onde podem ser empregues quando integrados nos BIMecR, a formação necessária para criar o sniper convencional e o tipo de treino operacional necessário com vista à manutenção das competências e capacidades requeridas ao sniper convencional.

Indica uma pergunta obrigatória

Os dados obtidos através deste inquérito por entrevista serão tratados de uma forma geral com o objetivo de promover o anonimato e a confidencialidade dos entrevistados. No presente trabalho apenas será mencionada a classificação, função, especialidade, unidade, e nacionalidade. A participação neste questionário por entrevista é de cariz voluntário, como tal, solicito a sua autorização para participar nesta entrevista para efeitos de investigação.

Aceito participar neste inquérito por entrevista. *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

Dados do Entrevistado



Nome Completo *

Posto *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2º Sargento
- ☐ 1º Sargento
- ☐ Sargento-Ajudante
- ☐ Sargento-Chefe
- ☐ Sargento-Mor
- ☐ Alferes
- ☐ Tenente
- ☐ Capitão
- ☐ Major
- ☐ Tenente-Coronel
- ☐ Coronel

Função *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Comandante da 1CAI do 1BIMecR
- ☐ Comandante da 2CAI do 1BIMecR
- ☐ Comandante da 1CAI do 2BIMecR
- ☐ Comandante da 2CAI do 2BIMecR
- ☐ Oficial de Operações do 1BIMecR
- ☐ Oficial de Operações do 2BIMecR
- ☐ Comandante do 1BIMecR
- ☐ Comandante do 2BIMecR
- ☐ Oficial S3 da FOE/CTOE
- ☐ Comandante da CCA/FOE
- ☐ Comandante do Pelotão Sniper
- ☐ Comandante de Equipe Sniper
- ☐ Nenhuma das anteriores

Arma *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Infantaria
- ☐ Cavalaria
- ☐ Artilharia

Especialidade *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Operações Especiais
- ☐ Comandos
- ☐ Paraquedistas
- ☐ Nenhuma das anteriores

Unidade/Regimento *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ RI13
- ☐ RI14
- ☐ CTOE
- ☐ Nenhuma das anteriores

Emprego Operacional do Sniper Convencional



1. O sniper convencional, em apoio aos batalhões de infantaria, pode ser empregue em vários tipos de missões. Nos tipos de missões abaixo

3. De acordo com as vantagens na lista abaixo apresentadas relativamente ao sniper convencional em apoio aos batalhões de infantaria, selecione por grau de importância:

Precisão: Os snipers têm a capacidade de efetuar fogo com um elevado grau de precisão capazes de neutralizar alvos específicos, como líderes inimigos ou outros atiradores de precisão, com um risco reduzido de danos colaterais associado.

Aumento do alcance: Uma das capacidades do sniper é efetuar fogo de longo alcance o que permite aumentar o alcance efetivo das forças amigas.

Mobilidade: O sniper pode atuar em qualquer tipo de terreno e é capaz de se movimentar com grande rapidez e discrição.

Flexibilidade: O sniper pode ser empregue em vários tipos de missões que incluem reconhecimento, sabotagem e neutralização de alvos importantes. Para além disso podem ser empregues para apoiar o avanço das forças amigas ou para fornecer apoio de longo alcance em operações de infiltração.

Psicológico: A presença do sniper no campo de batalha provoca um efeito relevante no psicológico do inimigo, através do medo e incerteza que advêm das suas características, o que limita a mobilidade do inimigo.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não se aplica	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Essencial
Precisão	☐	☐	☐	☐	☐
Aumento do Alcance	☐	☐	☐	☐	☐
Mobilidade	☐	☐	☐	☐	☐
Flexibilidade	☐	☐	☐	☐	☐
Psicológico	☐	☐	☐	☐	☐

4. De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além das vantagens mencionadas na pergunta anterior, que outros tipos de vantagens advêm do emprego do sniper convencional em apoio aos batalhões de infantaria?

5. De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, quais as desvantagens do emprego do sniper convencional em apoio aos batalhões de infantaria?

6. Quais as diferenças do emprego operacional entre o sniper convencional e o sniper de operações especiais?

7. Tendo em conta a sua experiência e conhecimento, do seu ponto de vista pensa que o sniper convencional é uma mais valia quando integrado nos batalhões de infantaria?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Justifique a resposta anterior. *

Formação do Sniper Convencional



9. Relativamente à formação sniper, esta contempla as áreas mencionadas na seguinte lista:

Técnica individual de Combate (Reconhecimento e observação; camuflagem e ocultação; navegação no terreno; comunicações, entre outros)

Técnicas avançadas de tiro de precisão até às longas distâncias

Planeamento

Equipamento e Armamento

Das áreas mencionadas relativamente à formação do sniper convencional, refira qual o grau de importância de cada uma delas.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não se aplica	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Essencial
Técnica individual de Combate	☐	☐	☐	☐	☐
Técnicas avançadas de tiro de precisão até às longas distâncias	☐	☐	☐	☐	☐
Planeamento	☐	☐	☐	☐	☐
Equipamento e Armamento	☐	☐	☐	☐	☐

10. De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além das áreas mencionadas na pergunta anterior, relativas à formação do sniper convencional, que outras áreas poderiam ser uma mais-valia para a formação do sniper convencional?

11. Quais as diferenças do treino operacional entre o sniper convencional e o sniper de operações especiais? *

Treino Operacional



12. Relativamente ao treino operacional do sniper convencional, este tem de cumprir com um conjunto de exercícios por forma a manter as suas capacidades/valências ao nível requerido, sendo eles:

Exercícios de tiro de precisão

Exercícios de perseguição

Exercícios de avaliação de distâncias

Exercícios de observação

Exercícios de construção de posições de tiro

Exercícios de camuflagem e ocultação

Tendo em conta o conjunto de exercícios mencionados, refira qual o grau de importância de cada um deles.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não se aplica	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Essencial
Exercícios de tiro de precisão	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de perseguição	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de avaliação de distâncias	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de observação	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de construção de posições de tiro	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de camuflagem e ocultação	☐	☐	☐	☐	☐

13. De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além dos exercícios mencionadas na pergunta anterior, referentes ao treino operacional do sniper convencional, que outros exercícios poderiam ser uma mais-valia para o treino do sniper convencional?

14. Tendo em conta os exercícios mencionados na primeira pergunta desta Secção, de acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, com que frequência deveriam ser executados estes exercícios para que o sniper consiga manter as suas capacidades/valências ao nível pretendido?

Observações: Considere que 8h equivale a um dia de trabalho.

Unidade de medida: Horas/Dias por Mês

Marcar apenas uma oval por linha.

	1 dia	2 dias	3 dias	4 dias	5 ou mais dias
Exercícios de tiro de precisão	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de perseguição	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de avaliação de distâncias	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de observação	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de construção de posições de tiro	☐	☐	☐	☐	☐
Exercícios de camuflagem e ocultação	☐	☐	☐	☐	☐

15. Quais as diferenças do treino operacional entre o sniper convencional e o sniper de operações especiais?

APÊNDICE D - Excertos das Respostas

Quadro n.º 4 - Excertos das Respostas

Entrevistado	Excerto da resposta
Pergunta n.º	1 - O SConv, em apoio aos BI pode ser empregue em vários tipos de missões. Nos tipos de missões abaixo apresentados, selecione o grau de importância da aplicabilidade do sniper: Patrulhas de Combate; Emboscada; Operações Contra sniper; Reconhecimento e vigilância; Operações em ambientes urbanos; Operações Retrógradas.
E1	Ver figura n.º 2
E2	Ver figura n.º 2
E3	Ver figura n.º 2
E4	Ver figura n.º 2
E5	Ver figura n.º 2
E6	Ver figura n.º 2
E7	Ver figura n.º 2
E8	Ver figura n.º 2
E9	Ver figura n.º 2
E10	Ver figura n.º 2
E11	Ver figura n.º 2
E12	Ver figura n.º 2
E13	Ver figura n.º 2
E14	Ver figura n.º 2
E15	Ver figura n.º 2
E16	Ver figura n.º 2
E17	Ver figura n.º 2
Pergunta n.º	2 – Para além do tipo de missões mencionadas na pergunta anterior, que outro tipo de missões o SConv, em apoio aos BI, pode ser empregue?
E1	“Proteção da força [...]”
E2	“Operações de cerco e busca, proteção da força ou entidades, enquadrado em operações de apoio à paz [...]”
E3	“Cerco e busca [...] cerco e ataque”
E4	“Rotura de contacto [...]”
E5	“Qualquer tipo de missão no âmbito do espectro de operações”
E6	“Operações de cerco e busca, operações de controlo de tumultos, defesa móvel e defesa de área”
E7	“Missões como observador avançado [...] operações de estabilização [...] interdição de pontos”
E8	“Eliminação de alvos, guiamento de forças, identificação de agitadores em controlo de tumultos e proteção da força”
E9	
E10	
E11	“Proteção e guiamento da força, [...]”
E12	“Operações defensivas”
E13	“Apoio para restabelecer segurança pública, extração, resgate”

E14	“Operações ofensivas, defensivas, reconhecimento, controlo de tumultos e aquisição de objetivos”
E15	“Observador avançado para regular fogos tipo morteiros”
E16	
E17	“Regulação de fogos indiretos como morteiros”
Pergunta nº	3 - De acordo com as vantagens na lista abaixo apresentadas relativamente ao SConv em apoio aos BI, selecione por grau de importância: Precisão; Aumento do alcance; Mobilidade; Flexibilidade; Psicológico.
E1	Ver figura n.º 3
E2	Ver figura n.º 3
E3	Ver figura n.º 3
E4	Ver figura n.º 3
E5	Ver figura n.º 3
E6	Ver figura n.º 3
E7	Ver figura n.º 3
E8	Ver figura n.º 3
E9	Ver figura n.º 3
E10	Ver figura n.º 3
E11	Ver figura n.º 3
E12	Ver figura n.º 3
E13	Ver figura n.º 3
E14	Ver figura n.º 3
E15	Ver figura n.º 3
E16	Ver figura n.º 3
E17	Ver figura n.º 3
Pergunta nº	4 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além das vantagens mencionadas na pergunta anterior, que outros tipos de vantagens advêm do emprego do SConv em apoio aos BI?
E1	
E2	“Capacidade de reconhecimento e observação [...]”
E3	“Pesquisa de informação [...]”
E4	“Aquisição de alvos [...]”
E5	“Capacidade seletiva de alvos[...]
E6	“Surpresa, letalidade e vigilância do campo de batalha”
E7	“Equipas de efetivo reduzido, capazes de se ocultarem e camuflarem no terreno proporcionando a transmissão de informações da área do objetivo em tempo oportuno [...]”
E8	
E9	“Letalidade [...]”
E10	“Letalidade [...] eficiência [...]”
E11	“Eficiência, o sniper consegue causar grande impacto nas forças inimigas com o uso mínimo de munições e recursos [...]”
E12	“Capacidade ISTAR, regulação de fogos”
E13	“Recolha de informação para o comandante”
E14	“[...] ISTAR [...]”

E15	“Regulação de fogos”
E16	“Reconhecimento [...]”
E17	“Surpresa [...], letalidade [...], eficiência [...]”
Pergunta nº	5 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, quais as desvantagens do emprego do SConv em apoio aos BI?
E1	
E2	“Apoio logístico por atuar isoladamente [...]”
E3	“Necessidade de um meio de transporte, para terem a mobilidade de um batalhão de infantaria mecanizado [...]”
E4	
E5	
E6	“Dificuldade de apoio logístico porque atuam de forma isolada”
E7	“Se o comandante souber empregar corretamente o sniper, não há desvantagens.”
E8	
E9	“Não vejo desvantagens [...]”
E10	“Custo de formação, equipamento e armamento.”
E11	
E12	“Deve ter a mesma mobilidade da unidade que apoia, através da aquisição de viaturas, o que implica um maior gasto monetário”
E13	“Custo de formação [...]”
E14	“Nenhuma”
E15	“Elevado nível de formação do pessoal, pelo que, quando este deixa a equipa, é muito difícil substituí-lo por pessoal novo. Despesas de equipamento, material e armamento mais elevadas do que as de um atirador normal”
E16	
E17	“Nenhuma”
Pergunta nº	6 – Quais são as diferenças entre o emprego operacional entre o SConv e o sniper de operações especiais?
E12	“Têm as mesmas funções contudo os níveis do emprego variam (estratégico, operacional e tático)”
E13	“Sniper convencional apenas atua em apoio a uma unidade e o sniper de operações consegue atuar autonomamente”
E14	“Criticidade dos alvos atribuídos ao sniper de operações especiais não se adequam ao sniper convencional e difere no modo de atuação pelas forças que apoiam”
E15	
E16	“A sensibilidade dos objetivos que são atribuídos e missões que são realizadas por equipas de snipers de operações especiais sem qualquer apoio de outras forças”
E17	“O tipo de missões são diferentes”
Pergunta nº	7 – Tendo em conta a sua experiência e conhecimento, do seu ponto de vista pensa que o sniper convencional é uma mais-valia quando integrado nos batalhões de infantaria?
E1	“Não” (Ver figura n.º 4)
E2	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E3	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E4	“Sim” (Ver figura n.º 4)

E5	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E6	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E7	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E8	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E9	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E10	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E11	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E12	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E13	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E14	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E15	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E16	“Sim” (Ver figura n.º 4)
E17	“Sim” (Ver figura n.º 4)
Pergunta n.º	8 – Justifique a resposta anterior.
E1	
E2	“Potencia as capacidades dos BI [...] observação e reconhecimento [...] fornece ao EM e ao comandante uma maior flexibilidade [...]”
E3	“Proteção da força [...] pesquisa de informação”
E4	“Recurso à disposição de um comandante útil para tarefas específicas”
E5	
E6	“[...] esta valência permite desenvolver uma capacidade de precisão no Batalhão de Infantaria”
E7	“Garante flexibilidade de emprego ao comandante. Capazes de informar o comandante em tempo oportuno sobre a área do objetivo, contribuindo para o processo de decisão do comandante.”
E8	“[...] multiplicador do potencial de combate de uma força [...] flexibilidade de emprego ao comandante da força”
E9	“Um elemento, com capacidades diferenciadas dos restantes, com equipamento que lhe permite a maiores distâncias e com precisão, esclarecer a situação e caso seja esse o objetivo, eliminar uma ameaça”
E10	“[...] proteção da força, [...] bater inimigos às médias e longas distâncias [...]”
E11	“Pela capacidade de seleccionar e eliminar com grande precisão até às longas distâncias [...]”
E12	“Recurso muito útil para a tomada de decisão do comandante”
E13	“São os olhos do comandante no campo de batalha”
E14	“As capacidades ISTAR do Sniper facilitam a ação de comando, fornecendo informações diretas, contínuas e em primeira mão sobre a situação no campo de batalha ou na área de operações, de uma perspetiva que não pode ser fornecida por outros meios. Além disso, a sua capacidade de fogo seletivo de longo alcance não pode ser substituída por nenhum outro meio”
E15	“É um meio capaz de atuar de forma isolada para reconhecer e transmitir informação ao comandante da companhia ou do batalhão”
E16	“Um atirador furtivo é sempre uma vantagem a ter em conta devido à sua ótica, ao seu treino individual e às suas capacidades, podendo tornar-se um elemento muito importante para a proteção das unidades de infantaria e para a absorção de informações, sendo também um facilitador importante se quisermos atrasar um inimigo ou proteger a nossa unidade, graças à sua distância de utilização”

E17	“Aumenta o poder de fogo da unidade, aumenta a moral, providencia meios (equipamentos) e capacidades ao batalhão”
Pergunta nº	9 - Relativamente à formação sniper, esta contempla as áreas mencionadas na seguinte lista: Técnica individual de Combate (Reconhecimento e observação; camuflagem e ocultação; navegação no terreno; comunicações, entre outros); Técnicas avançadas de tiro de precisão até às longas distâncias; Planeamento; Equipamento e Armamento; Das áreas mencionadas relativamente à formação do SConv, refira qual o grau de importância de cada uma delas.
E1	Ver figura n.º 5
E2	Ver figura n.º 5
E3	Ver figura n.º 5
E4	Ver figura n.º 5
E5	Ver figura n.º 5
E6	Ver figura n.º 5
E7	Ver figura n.º 5
E8	Ver figura n.º 5
E9	Ver figura n.º 5
E10	Ver figura n.º 5
E11	Ver figura n.º 5
E12	Ver figura n.º 5
E13	Ver figura n.º 5
E14	Ver figura n.º 5
E15	Ver figura n.º 5
E16	Ver figura n.º 5
E17	Ver figura n.º 5
Pergunta nº	10 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além das áreas mencionadas na pergunta anterior, relativas à formação do SConv, que outras áreas poderiam ser uma mais-valia para a formação do SConv?
E1	
E2	
E3	
E4	
E5	
E6	
E7	“Treino mental [...]”
E8	“Aprofundar a área de observador avançado para regular fogos”
E9	“A formação de um sniper assenta nos pontos mencionados [...]”
E10	“Formação em reconhecimento especial, nomeadamente no reconhecimento e identificação de material bélico, viaturas, carros de combate, etc. [...] o sniper ideal para além do curso sniper deve ter também o curso de patrulhas de reconhecimento de longo raio de ação [...]”

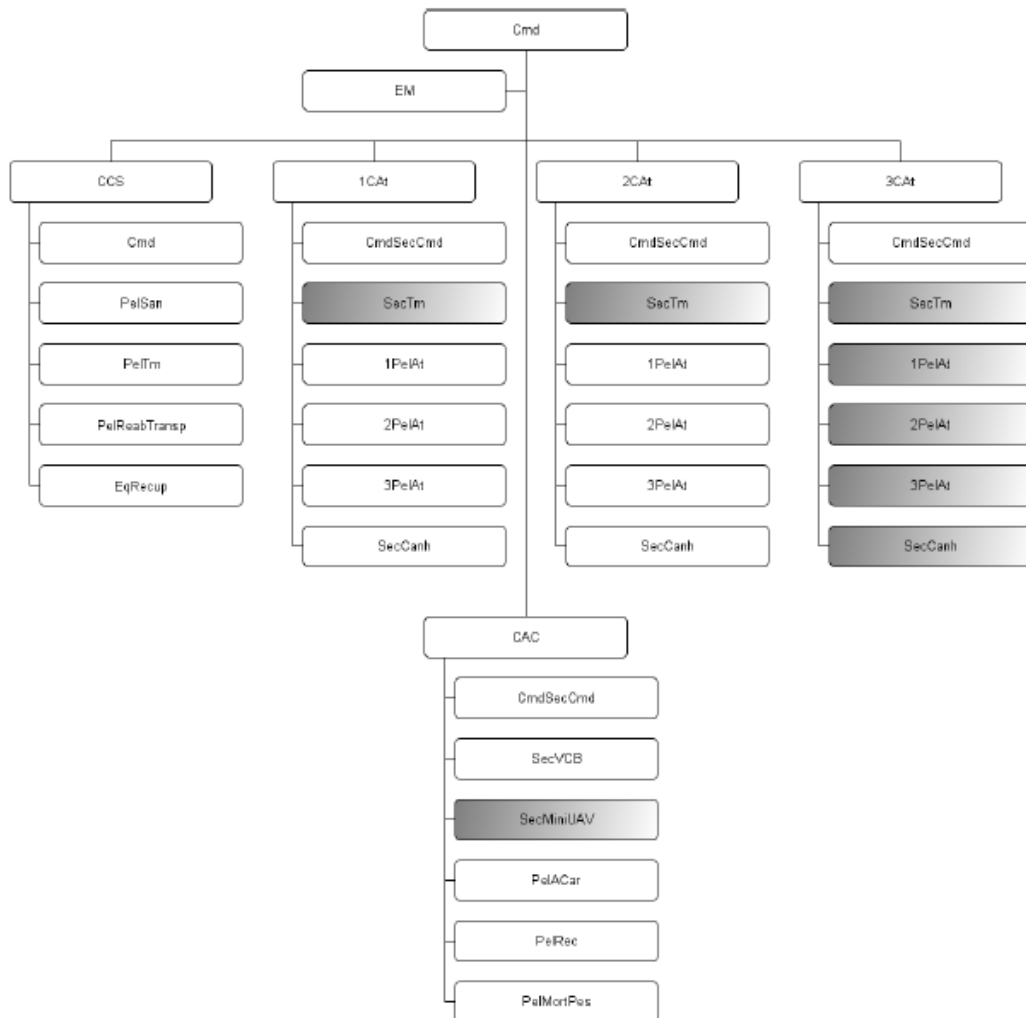
E11	“Estas áreas são o suficiente [...]”
E12	“Patrulhas de reconhecimento”
E13	“Aumentar a formação no módulo de regulação de fogos”
E14	“[...] patrulhas de reconhecimento”
E15	
E16	“Reconhecimento de materiais, envio de informações via radio e satélite”
E17	
Pergunta nº	11 – Quais são as diferenças entre o curso de SConv e o de sniper de operações especiais?
E12	“Nenhuma, o atirador deve ter os mesmos conhecimentos”
E13	“A parte técnica é a mesma e o que muda é o tipo de missão e consequentemente o planeamento”
E14	“O nível básico é igual, depois são introduzidas as particularidades de cada unidade”
E15	
E16	“A maior diferença é o planeamento específico e a exigência de precisão quando se opera em missões em que uma equipa de atiradores atua de forma autónoma com procedimentos altamente técnicos, isso e uma elevada eficiência na resposta a disparos precisos com stress físico e psicológico.”
E17	“[...] planeamento”
Pergunta nº	12 - Relativamente ao treino operacional do SConv, este tem de cumprir com um conjunto de exercícios por forma a manter as suas capacidades/valências ao nível requerido, sendo eles: Exercícios de tiro de precisão; Exercícios de perseguição; Exercícios de avaliação de distâncias; Exercícios de observação; Exercícios de construção de posições de tiro; Exercícios de camuflagem e ocultação. Tendo em conta o conjunto de exercícios mencionados, refira qual o grau de importância de cada um deles.
E1	Ver figura n.º 6
E2	Ver figura n.º 6
E3	Ver figura n.º 6
E4	Ver figura n.º 6
E5	Ver figura n.º 6
E6	Ver figura n.º 6
E7	Ver figura n.º 6
E8	Ver figura n.º 6
E9	Ver figura n.º 6
E10	Ver figura n.º 6
E11	Ver figura n.º 6
E12	Ver figura n.º 6
E13	Ver figura n.º 6
E14	Ver figura n.º 6
E15	Ver figura n.º 6
E16	Ver figura n.º 6

E17	Ver figura n.º 6
Pergunta n.º	13 - De acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, para além dos exercícios mencionadas na pergunta anterior, referentes ao treino operacional do SConv, que outros exercícios poderiam ser uma mais-valia para o treino do SConv?
E1	
E2	“Exercícios conjuntos [...] entre os snipers e os BI”
E3	
E4	“Exercícios em ambiente urbano [...]”
E5	
E6	“Exercícios em ambiente urbano, [...]”
E7	“Exercícios de planeamento [...]”
E8	“Military operations in urban terrain”
E9	“Exercícios em ambiente urbano [...]”
E10	
E11	“Exercícios de planeamento [...] exercícios de regulação de fogos [...]”
E12	“Exercícios de regulação e correção de fogos”
E13	
E14	“Exercícios em conjunto com as unidades que apoiam e exercícios de regulação de fogos”
E15	“Exercícios em conjunto com as unidades que apoiam”
E16	“[...] exercícios de regulação de fogos e planeamento”
E17	
Pergunta n.º	14 - Tendo em conta os exercícios mencionados na primeira pergunta desta Secção, de acordo com a sua opinião, tendo em conta a sua experiência e conhecimento, com que frequência deveriam ser executados estes exercícios para que o sniper consiga manter as suas capacidades/valências ao nível pretendido? Observações: Considere que 8h equivale a um dia de trabalho. Unidade de medida: Dias por Mês
E1	Ver figura n.º 7
E2	Ver figura n.º 7
E3	Ver figura n.º 7
E4	Ver figura n.º 7
E5	Ver figura n.º 7
E6	Ver figura n.º 7
E7	Ver figura n.º 7
E8	Ver figura n.º 7
E9	Ver figura n.º 7
E10	Ver figura n.º 7
E11	Ver figura n.º 7
E12	Ver figura n.º 7
E13	Ver figura n.º 7

E14	Ver figura n.º 7
E15	Ver figura n.º 7
E16	Ver figura n.º 7
E17	Ver figura n.º 7
Pergunta n.º	15 - Quais são as diferenças no treino operacional entre o SConv e o sniper de operações especiais?
E12	“O sniper de operações especiais treina com forças de operações especiais, convencionais ou de forma autónoma, enquanto o sniper convencional treina apenas com forças convencionais [...] maior especialização do sniper de operações especiais e atribuição de missões críticas”
E13	
E14	“As derivadas do treino operacional das suas unidades, contudo os exercícios básicos são os mesmos”
E15	
E16	“O tempo é um elemento crítico. Uma unidade de operações especiais deve passar todo o seu tempo a atingir e a manter as suas capacidades a pelo menos 80 por cento, uma vez que pode ser mobilizada a qualquer momento e a qualquer hora, pelo que deve estar continuamente preparada com os materiais mais recentes e sempre atualizada em termos de procedimentos, e isso é tempo.”
E17	

ANEXOS

ANEXO A - Organograma do 1BIMecRodas (Vila Real)



Fonte: (EME, 2020a, p.3)

ANEXO B – Possibilidades do 1BIMecRodas (Vila Real)

3. POSSIBILIDADES

- a. Conduzir toda a tipologia de operações em todo o espectro de operações militares, nomeadamente:
 - (1) Conduzir operações ofensivas e defensivas em todo o tipo de conflito, terreno e condições meteorológicas;
 - (2) Conquistar e manter a posse de terreno importante e pontos sensíveis ou impedir a sua utilização por parte do inimigo;
 - (3) Destruir, deter, neutralizar, suprimir, fixar e canalizar forças inimigas;
 - (4) Reconhecer, negar, ultrapassar, limpar e isolar terreno ou inimigo;
 - (5) Participar em operações de perseguição e exploração do sucesso;
 - (6) Participar em operações aeromóveis, aerotransportadas (aterragem de assalto) e anfíbias.
- b. Organizar, comandar e controlar Subagrupamentos de armas combinadas a fim de bater o inimigo pela combinação do fogo, manobra e efeito de choque.
- c. Integrar Equipas Sniper, da Força de Operações Especiais, no 1BIMecRodas, atribuídas pelo Comando das Forças Terrestres, destinadas a executar missões sniper convencionais, nomeadamente: patrulhas de combate; emboscadas; contra-sniper; observação avançada; Operações militares em áreas urbanizadas e integrar forças em contacto ou em reserva nas Operações Retrógradas.
- d. Colaborar em ações de apoio ao desenvolvimento, bem-estar e apoio militar de emergência, conforme lhe for determinado.
- e. Participar em projetos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força, conforme definido superiormente.
- f. Cumprir outras missões ou realizar outras tarefas que lhe sejam cometidas superiormente.
- g. Tendo por referência os requisitos definidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (Bi-SC Capability Codes and Capability Statements - 22JAN20), o 1BIMecRodas deverá estar capacitado para os seguintes requisitos gerais:
 - (1) Comandar e controlar até cinco (5) subunidades de manobra;
 - (2) Operar em condições de visibilidade reduzida;
 - (3) Recolher informação e adquirir objetivos através de diferentes meios;
 - (4) Executar operações ofensivas, defensivas, de estabilização e tarefas de transição/complementares de acordo com a sua especificidade;
 - (5) Empregar medidas não-letais;
 - (6) Contribuir na Receção, Estacionamento, Movimentos e Integração (RSOMI - Reception, Staging, Onward Movement and Integration) de outras unidades;
 - (7) Executar tarefas independentes de escalão Pelotão;
 - (8) Constituir-se como um agrupamento de armas combinado, bem como, destacar subunidades suas para outro agrupamento;
 - (9) Executar operações conjuntas e combinadas, em condições de frio ou calor extremos;
 - (10) Bater carros de combate inimigos, a distâncias superiores de 4 km, através de sistemas lança mísseis montados em viaturas;
 - (11) Penetrar/destruir viaturas táticas ligeiras blindadas inimigas, neutralizar/suprimir infantaria apeada a distâncias de pelo menos a 8000 m, através dos morteiros orgânicos;
 - (12) Manter a cadeia de comando (Operações e Logística) atualizada, de forma automática, sobre a situação das munições, combustíveis e pessoal, bem como dos principais danos sofridos, resultantes ou não do combate;
 - (13) Integrar o sistema de informação, vigilância e reconhecimento conjunto (JISR - Joint Intelligence Surveillance and Reconnaissance) da Aliança, de forma a permitir a execução eficiente do plano de pesquisa, o cruzamento de informação com outros meios de pesquisa, e a disseminação da informação recolhida a outras forças;
 - (14) Atuar por um período de três (3) dias sem ser apoiado ou reabastecido;
 - (15) Implementar e manter redes de comunicações robustas (rede segura de voz e dados), assegurando a capacidade de comunicações intra-teatro e com a retaguarda (reach back), assim como assegurar a gestão de frequências e desconflitar a utilização do espectro eletromagnético;
 - (16) Obter e divulgar imagens na forma de vídeo ou fotos (de dia ou de noite e em condições de visibilidade limitada), para um centro de processamento / análise / integração de uma forma atempada, eficiente e segura;
 - (17) Contribuir para a Imagem Operacional Comum (COP - Common Operational Picture), através da divulgação de dados e informações;
 - (18) Garantir um nível de proteção adequado, integrando e empregando meios de Proteção da Força, procedimentos no âmbito de OPSEC, INFOSEC, COMSEC, NBQR, CIED, e políticas e normas de proteção da saúde;
 - (19) Preparar adequadamente os seus militares contra IED de acordo com o "ACIEDP-01 Counter Improvised Explosive Device (C-IED) Training Requirements";

- (20)Empregar medidas que minimizem a vulnerabilidade a um ataque aos sistemas de informação (cyber attack), que mantenham, durante o ataque, o grau de operacionalidade determinado pelo Comandante, e que restabeleçam, após o ataque, os serviços de rede afetados;
 - (21)Garantir proteção adequada contra IED de acordo com o "AVPP-1/AEP-55 Protection Levels for Occupants Armoured Vehicles";
 - (22)Efetuar o pedido de apoio de fogos conjunto;
 - (23)Efetuar a evacuação sanitária, por terra, com recurso às ambulâncias orgânicas, assegurando níveis de proteção equivalentes aos dos elementos de combate;
 - (24)Garantir apoio sanitário de ROLE 1 para cuidados primários de rotina, primeiros socorros especializados, triagem, reanimação e estabilização;
 - (25)Garantir o nível 1 de manutenção e recuperação de viaturas com recurso aos próprios meios orgânicos, assim como o apoio logístico real;
 - (26)Efetuar a recuperação, extração de pessoal sem apoio externo;
 - (27)Efetuar projeção estratégica dos meios com a necessidade mínima de acondicionamento.
- h. Tendo por referência os requisitos definidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (Bi-SC Capability Codes and Capability Statements - 22JAN20), o 1BIMecRodas deverá estar capacitado para os seguintes requisitos específicos:
- (1) Empregar a infantaria média (orgânica) com ímpeto de modo a garantir a agilidade operacional e tática para derrotar as forças opositoras, com recurso a Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) que garantam o apoio de fogos, a proteção e a mobilidade tática;
 - (2) Atuar como Batalhão de Infantaria Ligeiro;
 - (3) Garantir uma rápida projeção/retração das suas forças com recurso aos meios orgânicos próprios;
 - (4) Seguir e assumir as tarefas de forças pesadas, assumindo-se como um escalão tático pesado ou assegurando a profundidade de forças pesadas, dentro das operações ofensivas da Brigada;
 - (5) Conquistar posições defensivas com reduzido grau de preparação, dentro das operações defensivas da Brigada;
 - (6) Movimentar-se em todo-terreno explorando a capacidade de transpor obstáculos;
 - (7) Garantir a proteção a pessoal montado face a fogo de metralhadoras a 30 m, rebentamentos de munições de artilharia de 155 mm a 60 m e rebentamentos de minas anticarro de 6 kg (AVPP-1: K3 M2b);
 - (8) Bater veículos blindados inimigos com proteção até nível K4 (AVPP-1) a distâncias até aos 3000 m e neutralizar/suprimir tropa apeada a distâncias superiores a 800 m, através de armas de tiro direto montadas em viaturas;
 - (9) Executar um espetro alargado de tarefas táticas montado, com limitações em terreno urbano arborizado e em todo o terreno;
 - (10)Assegurar proteção da força face aos meios anticarro inimigos.

Fonte: (EME, 2020a, pp. 4 e 5)